O PODER CURATIVO

DA

BENIGNIDADE

Volume Dois

Liberando o Julgamento

A prática do Um Curso em Milagres

Kenneth Wapnick, Ph.D.

Foundation for A Course in Miracles

Prefácio

Esse livro é baseado em dois workshops dados na Fundação: “Sombras da Limitação” e “Doces são os Usos da Adversidade”[1]. As transcrições foram editadas para aumentar a legibilidade; no entanto, assim como com todos os livros dessa série sobre a prática do *Um Curso em Milagres*, sua relativa informalidade foi mantida. Algumas perguntas dos workshops foram incorporadas à discussão geral, e um material novo foi acrescentado para elaborar certos pontos. Assim como com o Volume Um de *O Poder Curativo da Benignidade* – é minha esperança a de que o presente livro possa encorajar os estudantes a serem mais benignos e gentis consigo mesmos e com os outros. Fazendo isso, trilhamos o caminho benigno que cura nossas mentes e nos leva para casa.

Gostaria de agradecer à nossa Diretora de Publicações, Rosemarie LoSasse, por continuar a ser uma guardião tão fiel dos meus livros, em seu papel como editora. Este último é só mais uma testemunha dos seus muitos anos maravilhosos de consciente dedicação ao *Um Curso em Milagres* e ao trabalho da Fundação.

[1] Os workshops foram dados em setembro de 2003 e setembro de 2004, e estão disponíveis tanto em fita cassete quanto em CD.

Introdução

O tema desse livro vem de uma sentença no texto e de uma no manual para professores:

> *Concentra-se apenas nela* [a pequena disponibilidade] *e não te perturbes pelas sombras que a cercam. É por isso que vieste* (T-18.IV.2:3-4).
>
> *Não te desesperes, portanto, por causa das limitações. É a tua função escapar delas, mas não existir sem elas* (MP-26.4:1-2).

As duas sentenças compartilham um conteúdo ou significado básico, mas seu foco difere. A primeira está centrada na idéia das sombras, especificamente a diretiva amorosa de Jesus para que não nos sintamos perturbados por sua presença em nós mesmos; a última está centrada na idéia das limitações, e a diretiva amorosa de Jesus para que não nos desesperemos por causa delas. A primeira afirmação, no entanto, está relacionada a estarmos na sala de aula que é o mundo, para que possamos aprender; a segunda, para que possamos ensinar. No entanto, Jesus enfatiza que o ensinamento e o aprendizado são o mesmo, e a página inicial do manual afirma: *"Ensinar é demonstrar"* (MP-in.2:1). No entanto, não podemos demonstrar o que não aprendemos; e, uma vez tendo aprendido, inevitavelmente ensinamos. De forma diversa do que o mundo acredita, *Um Curso em Milagres* vê tanto o ensinamento como o aprendizado como irrelevantes para o corpo ou para o cérebro, envolvendo apenas nosso estado mental. Uma vez que a mente do Filho de Deus é uma, o que aprendemos, aprendemos por todos, e o que ensinamos, ensinamos a todos.

Embora o ensinamento e o aprendizado sejam os mesmos, sua ênfase difere, e isso será refletido em nossa discussão. Começamos falando sobre o que significa estar nesse mundo como uma sala de aula na qual aprendemos as lições de perdão do Espírito Santo, e terminaremos discutindo nosso papel como instrumentos através dos quais o Espírito Santo ensina. Através de todo o livro, o tema unificador será as sombras de limitação do ego que constituem nossos sistemas de pensamento coletivo e pessoal, e essas sombras sendo transformadas de instrumentos de danação do ego para os meios de salvação do Espírito Santo.

1. Sombras e Limitações: Limitando o Ilimitado

Nós não podemos realmente falar sobre o limitado sem primeiro termos entendido o que é uma reação contrária e então, começamos com uma discussão sobre ausência de limites. Deus é perfeito Amor e Unicidade, um Ser infinito de Completeza e Totalidade. Não existem limitações Nele, o que significa que não existe separação, diferenciação ou distinção – apenas o perfeito Amor. A natureza da realidade, portanto, é ilimitada, não havendo lugar, como o livro de exercícios diz, onde o Pai termina para dar início ao Filho como algo separado Dele (LE-pI.132.12:4). No entanto, uma vez que existe separação, existe limitação, pois a separação limita o ilimitado. Por exemplo, existem limites em meu relacionamento com você porque nós somos separados – personalidades separadas habitando corpos separados; além disso, necessidades são limitações construídas, acentuando nossas diferenças em relação uns aos outros.

Em outras palavras, nascer nesse mundo físico é uma limitação. Ao contrário da primeira lei do caos do ego de que existe uma hierarquia de ilusões (T-23.II.2:3), o sistema de pensamento do Espírito Santo repousa sobre o princípio de que não existe hierarquia de ilusões e, portanto, nenhuma hierarquia de limitações. Portanto, uma ilusão é uma ilusão, é uma ilusão: uma limitação é uma limitação, é uma limitação. Quer seja grande ou pequeno, tudo aqui permanece uma limitação.

Em acréscimo a isso, todas as limitações são intencionais. Quer as limitações sejam grandes ou mínimas, elas permanecem parte integral do propósito do ego de substituir a realidade ilimitada com a separação, na forma de um mundo de seres individuais, limitados por sua própria natureza. Jesus revela esse propósito final de corpos na estratégia do ego:

> *É apenas a consciência do corpo que faz o amor parecer limitado. Pois o corpo <u>é</u> um limite para o amor. A crença no amor limitado foi a sua origem e <u>ele foi feito para limitar o ilimitado</u>. Não penses que isso é apenas alegórico, pois ele foi feito para limitar <u>a ti</u>* (T-18.VIII.1:1-5; grifos meus em 1:3).

Um objetivo principal do *Um Curso em Milagres* é nos ensinar a importância do *propósito*, e, na passagem acima, Jesus nos apresenta uma afirmação do propósito, dizendo que o corpo foi feito para limitar o ilimitado. Jesus estava dizendo a Helen e a todos nós: "Eu não estou falando em alegorias, símbolos ou metáforas aqui, mas dizendo a você muito especificamente que o corpo foi feito para limitar o ilimitado". Uma vez que o ilimitado é o amor, o corpo foi feito para limitar o amor. No entanto, o propósito do corpo pode ser mudado:

> *Feito para ter medo, o corpo tem que servir ao propósito que lhe é dado. Mas podemos mudar o propósito ao qual o corpo obedecerá mudando o nosso pensamento quanto ao quê ele serve* (LE-pII.5:3:4-7).

O pensamento de limitação se origina na mente, e, uma vez que *idéias não deixam sua fonte* – um princípio central em *Um Curso em Milagres* -, a mente está onde o pensamento permanece. Não existe nada além da mente, mas o propósito do corpo é transformar o pensamento de limitação em realidade. Por sua própria natureza, o corpo limita – a saber, dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, representando na forma o conteúdo subjacente da limitação. Essa intenção de limitar, enfatizando a separação e especialismo do ego pode ser identificada em experiências muito comuns em nossas vidas diárias. Avós, por exemplo, com freqüência falam com seus netos, especialmente quando são jovens e ainda existe a pretensão de serem amorosos e inocentes: "Você é tão adorável e doce que quero devorá-lo!". Esse sentimento também emerge quando uma pessoa se apaixona por outra. Você quer canibalizar o ser amado, para ter essa inocência e doçura dentro de *você*, o que é exatamente o que acreditamos ter feito a Deus quando procuramos canibalizar Seu Amor, poder criativo e vida, transformando-os em nossos. E então, Jesus diz que o corpo foi

feito como um limite ao amor, e a limitação foi feita para limitar o ilimitado – o propósito subjacente do ego.

Em uma mensagem a Helen, que foi um prelúdio de *A Canção da Oração*, Jesus gentilmente ralhou com sua escriba por pedir a ele ajuda específica. Ele disse a ela que, ao fazer isso, ela estava tentando controlar o incontrolável[2]. Ele poderia ter dito da mesma forma que ela estava tentando limitar o ilimitado – seu amor. O amor é amedrontador porque é oniabarcante, e, dentro dele, não existe lugar para o especialismo ou singularidade individual. Portanto, tudo o que fizemos para definir a nós mesmos se torna sem significado na presença do amor, e, em resposta a essa ameaça, nós tentamos limitar o amor, tornando-o como nós – o significado de sermos limitados e específicos.

Nossa ânsia de irmos ao Espírito Santo com nossos pedidos específicos levou Jesus a ditar *A Canção da Oração*. Ele disse a Helen, e a todos nós, que ao pedirmos ajuda específica, tentamos pegar esse amor ilimitado – espelhando o amor do nosso Ser – e limitá-lo, buscando colocar uma moldura ao redor do seu amor, para que possamos manejá-lo e controlá-lo. Nós expressamos nosso medo pedindo ajuda específica, dizendo a ele que não queremos experienciar seu amor, mas, ao invés disso, queremos que ele nos diga onde podemos ir para comprar algo, como conseguir um emprego, ou o que fazer para que nossos corpos sejam curados da doença. Nós queremos tudo isso para mantermos nossos seres limitados, o que conseguiríamos, trazendo seu ser ilimitado à nossa limitação.

Isso é responsável pela culpa e conflito associados a um relacionamento com Jesus. Em algum nível, nós sabemos que estamos tentando duplicar e reencenar o que originalmente fizemos com nosso Criador – tentarmos controlar Jesus, trazendo seu amor ilimitado para nossa ilusão limitada, como é visto nas tentativas, através dos tempos, das pessoas de transformarem Deus em algo tangível e corpóreo – uma Pessoa Que está especificamente lá para elas.

Sempre que você se sentir tentado a chamar atenção para o que pensa ser uma limitação, deficiência ou defeito, algo que o deixa mal em comparação com a riqueza de outra pessoa (finanças, habilidades, beleza, juventude ou inocência), fique ciente de que só está lutando para transformar a limitação em realidade, na qual existe dor, sofrimento, perda e sacrifício – alguns perdem, outros ganham. *"A pedra sobre a qual repousa a salvação"*, Jesus nos diz, *"é o renascimento da idéia de que ninguém pode perder para que alguém ganhe"* (T-25.VII.12:7,1), corrigindo a idéia do ego de salvação, que é a de que para que um ganhe, outro precisa perder – *um ou outro*. Esse princípio do ego se torna parte inerente da natureza do Filho separado. A Filiação se torna limitada – não mais total, universal ou unificada -, mas divisível em categorias e campos: o bem sucedido e o mal sucedido, o bem e o mal, aqueles com habilidades e aqueles sem.

Para o ego, nossos corpos servem a um propósito mais importante: provarem que o amor limitado é a realidade; na verdade, que a limitação *é* a realidade – o que é outra forma de dizer que a separação é realidade. Enfatizo esse ponto por causa da tentação, à qual quase sempre sucumbimos, de nos focalizarmos nas limitações específicas. Ao fazermos isso, validamos a primeira lei do caos do ego de que existe uma hierarquia de ilusões. Ao invés disso, deveríamos nos lembrar de que simplesmente estar em um corpo é uma limitação. Não estamos em contato com esse pensamento porque não estamos em contato com a mente, estando cientes apenas das experiências físicas e psicológicas diretamente associadas a estarmos em um corpo.

No entanto, o que fazemos com o corpo nos mostra o que acreditamos ter feito com a mente. Qualquer coisa que o corpo faça que separe, limite, julgue ou busque o especialismo nos diz que escolhemos o sistema de pensamento de separação, limitação, julgamento e especialismo – o sistema de pensamento do ego. Tudo o que precisamos fazer para descobrirmos qual professor escolhemos – o Espírito Santo ou o ego – é prestarmos atenção ao que nossos corpos parecem estar fazendo. Eu uso a palavra *parecem* porque o corpo realmente não faz nada. É a mente que "faz", através das suas escolhas, o que ela encena

[2] Vejam *Ausência de Felicidade: A História de Helen Schucman e Sua Transcrição do Um Curso em Milagres*, p. 445.

através do corpo – a projeção da mente. O problema nunca está no corpo ou em suas limitações, mas no que nós *fazemos* com essas limitações. É por isso que, quando ficamos perturbados ou transtornados pelas limitações – o que Jesus nos previne nas duas afirmações acima citadas -, fazemos exatamente o que o ego quer, enraizando nossa atenção na ausência de mente – o corpo -, para que possamos nunca retornar para onde o problema da limitação realmente está – na decisão da mente. Nós, portanto, podemos dizer que o propósito de Jesus em *Um Curso em Milagres* é nos tornar *repletos* de mente, ao invés de *sem* mente. O ego pega seu pensamento original de limitação na mente e o projeta através da projeção, criando um mundo limitado, com corpos limitados. Essa dinâmica nos faz esquecer de que nós – como mentes tomadoras de decisões – literalmente fizemos o mundo. Nós estamos cientes apenas da nossa experiência como um corpo limitado, imperfeito, em um mundo limitado, imperfeito, sem nenhuma memória sobre como viemos parar aqui.

Tentar tornar o corpo melhor ou perfeito é o mesmo equívoco de tentar tornar o mundo melhor ou perfeito, pois eles foram feitos para tornar o perfeito imperfeito, e para limitar o ilimitado. Portanto, a menos que você mude a *fonte* do mundo – a decisão da mente de se identificar com o ego ao invés de com o Espírito Santo – nada que faça para melhorar o mundo ou o corpo vai funcionar, pelo menos não permanentemente, pois você não terá desfeito a culpa imperfeita e limitada que é a fonte da imperfeição e limitação. Novamente, o propósito do *Um Curso em Milagres* é nos devolver à fonte da limitação para que possamos fazer uma escolha diferente; i.e., escolhermos a Voz que fala pelo ilimitado, ao invés de continuamente escolhermos e nos identificarmos com a voz que fala pelo limitado.

Quando buscamos mudar o corpo ou o mundo, fazemos precisamente o que o ego quer. Por que eu iria tentar consertar meu corpo ou o mundo, a menos que acreditasse que eles eram algo que precisa ser consertado? Um mundo de imperfeição e limitação reflete o *pensamento* subjacente de limitação e imperfeição – o que, desnecessário dizer, é maravilhoso para o ego, pois o que é imperfeito é perfeito em sua visão distorcida. Não apenas o mundo reflete essa imperfeição, mas também a protege. Tendo esquecido que fizemos o mundo, estamos cientes apenas de um mundo que é visto como independente da mente. Todos nós temos sido ensinados, a acreditarmos e experenciarmos – conscientemente ou não – que nascemos em um mundo que nos precedeu e que vai continuar depois que morrermos. Nada disso é verdade. Nós – a parte tomadora de decisões das nossas mentes – fizemos o mundo, que nunca deixou sua fonte na mente coletiva.

Como vamos ver repetidamente, se não mudarmos o propósito subjacente do mundo e, ao invés disso, tentarmos mudar a sombra, vamos terminar simplesmente substituindo uma sombra por outra, e então, a fonte da sombra – a decisão da mente de permanecer imperfeita e limitada – vai permanecer intacta. Nós lemos no texto sobre o equívoco inerente a tornar o mundo real e um objeto para nossos julgamentos:

> *A coisa que tu odeias e temes, abominas e queres, o corpo não conhece. Tu o envias adiante para buscar a separação e ser separado. E então o odeias, não pelo que ele é, mas pelo uso que tens feito dele. Tu te retrais em função do que ele vê e do que ele ouve, e odeias a sua fragilidade e pequenez. E desprezas os seus atos, mas não os teus próprios. Ele vê e age por <u>ti</u>. Ele ouve a tua voz. E ele é frágil e pequeno pelo teu desejo. Ele parece te punir e assim merece o teu ódio pelas limitações que ele te traz. Entretanto, foste tu que fizeste dele um símbolo das limitações que queres que a tua mente tenha, veja e mantenha* (T-28.VI.3).

A intenção de Jesus, conseqüentemente, é nos ajudar a entender que as limitações externas podem servir a um propósito diferente, se as colocarmos em suas mãos. O propósito do ego para o mundo e corpo limitados e imperfeitos é nos manter voltando à mente. O propósito de Jesus é nos ensinar como usarmos o mundo e o corpo para que eles se direcionem para a mente, onde podemos então escolher a Voz que fala pela ausência de limites, ao invés de pela limitação – novamente, a mudança da *ausência de mente* para *estar repleto de mente*. Essa é a importância do seu aviso: *"Não te perturbes pelas sombras que a*

cercam. É por isso que vieste". Quando você fica transtornado com as sombras – suas falhas, deficiências, doenças, abusos e vitimação passados -, você só as torna reais.

Pedir ajuda a Jesus significa – e em seu curso essa á *única* coisa que significa – que ele o ajuda a reconhecer que aquilo com o que você se relaciona é uma sombra. As pessoas em sua mente certa não mudam uma sombra, porque elas percebem que não é nada. Se você sair de casa e vir uma sombra, saberá que ela não tem substância em e por si mesmo, pois sua nulidade é a ausência de luz. Dito de outra forma, as sombras da mente estão presentes porque nós escolhemos contra a luz do Espírito Santo, e Jesus nos ajuda a perceber que tudo o que nos dá trabalho, nos perturba ou nos transtorna – quer seja no mundo como um todo, ou em nosso mundo pessoal – é uma sombra de uma decisão de nos afastarmos da luz. Portanto, o que tem que ser mudada é a decisão, não a sombra.

Platão ensinou isso há 2.500 anos; o mundo não o aceitou então, e não o aceitou ainda. *Um Curso em Milagres* é uma forma moderna de platonismo, que ensina a diferença entre as sombras e a verdade, a aparência e a realidade. Na conhecida Alegoria da Caverna, feita pelo mestre, os prisioneiros na caverna interior estão acorrentados de tal forma que só podem ver a parte de trás da parede. Por trás deles, está a entrada da caverna, que eles não podem ver porque sua atenção foi dirigida para a parede interna. Do lado de fora da abertura da caverna, o sol brilha por trás daqueles que passam de um lado para o outro, caminhando pela estrada. Os prisioneiros, no entanto, só vêem as sombras dos transeuntes na parede diante deles. Uma vez que não podem se virar para trás, eles acreditam que o que vêem é a realidade. A mensagem de Jesus, ampliando a de Platão, é a de que não devemos nos sentir perturbados pelas sombras, pois isso lhes daria um poder, força e realidade que elas não têm.

Sempre que ficamos transtornados com qualquer coisa no mundo, apenas nos permitimos ser perturbados pelas sombras. Não importa se estamos transtornados por algo que percebemos como grande ou pequeno – nossas ações favoritas desceram meio ponto, alguém que amamos tem câncer, ou nosso time de baseball perdeu. Se nossa paz for abalada, perturbada ou ameaçada de qualquer forma, estaremos atendendo à ordem do ego para sermos perturbados por sombras.

O corpo foi feito para ser extraordinariamente sensível a todos os tipos de estímulos – físicos e psicológicos -, e nós reagimos a todos eles, respondendo às sombras como se elas fossem reais. Embora o corpo possa reagir de forma apropriada ao que acontece ao seu redor e dentro dele, quando você se une a Jesus na mente, acima do campo de batalha, e olha para baixo, percebe que o corpo em si mesmo é uma sombra, reagindo a outras sombras, uma ilusão reagindo a ilusões – todas as quais significam que nada está acontecendo. Quando Jesus retoricamente pergunta, no Curso, se os pensamentos são perigosos, sua resposta é: *"Para corpos, sim!"* (T-21.VIII.1:1). Enquanto eu me identificar com meu corpo, o que acontece ao meu redor – o que os outros pensam e fazem – certamente terá um efeito sobre mim. As limitações dos outros reforçam as minhas próprias – o corpo de outra pessoa, já uma expressão limitada do ego, afeta o meu, também uma expressão limitada. O problema não é a forma que as sombras das limitações assumem, mas a decisão da mente de estar com o ego ao invés do Espírito Santo, identificando-se com a idéia de amor limitado, ao invés de despertar para a realidade do amor ilimitado.

É essencial, quando você se sentir tentado a ficar transtornado com qualquer coisa, trazer à mente o pensamento de que você não deveria ficar transtornado com algo específico. No entanto, você *deveria* ficar transtornado pelo fato de estar aqui, ou pensar que está, pois essa é a limitação original que representa a escolha da mente de existir em um pesadelo de limitação, ao invés de despertar para a ausência de limites. Ficar transtornado sobre o fato de estar aqui pelo menos focaliza nossa atenção na mente – o poder de escolha do nosso tomador de decisões.

Como dito acima, um aspecto positivo das nossas limitações é que elas podem ser usadas para voltarmos da *ausência de mente* para *estarmos repletos de mente.* Quando estamos repletos de mente – nos identificando com a mente como sendo tudo -, voltamos para o tomador de decisões que vê os efeitos terríveis de escolher viver com limitação, quando poderíamos, tão facilmente quanto, ter escolhido a ausência de limites. No entanto, precisamos

ver claramente que nosso estado mental – como experienciamos o mundo – segue-se diretamente da decisão da mente. Nós fizemos o corpo para ser imperfeito, doente e para falhar; nós fizemos o mundo para ser imperfeito e falhar; nós fizemos os relacionamentos, lideres governamentais, máquinas e até mesmo os padrões climáticos para falharem. Na verdade, nós fizemos tudo para falhar, que é o que nos induz a acreditar que o problema é externo e requer atenção e solução. Desde o início do que pensamos ser vida até os dias atuais, tentamos tornar o imperfeito perfeito, o horrível lindo, e o limitado ilimitado – e temos falhado de forma abissal. É por isso que o mundo não está em melhor forma hoje do que estava há 2.500 anos, ou há vinte e cinco milhões de anos. As formas das sombras mudam, mas sua fonte permanece constante, e sempre vai permanecer até que retornemos à mente e façamos outra escolha.

Epíteto, o influente filósofo grego que viveu no século I em Roma, era um membro da escola filosófica do Estoicismo, que foi fundada por volta do século IV A.C., por Zeno[3]. Se você ler Epíteto à luz do *Um Curso em Milagres*, ficará atônito com sua sabedoria. Sua versão do Estoicismo ensinou que não existe nada que você possa fazer para mudar o mundo, mas que você pode reagir à maneira com que reage a ele. Alguns dos filósofos gregos – Demócrito, por exemplo – ensinaram que o mundo consistia de átomos, que originalmente se escoavam pelo universo, conhecidos como vácuo. A expressão final desses átomos errantes foi o universo físico que conhecemos – especificamente, nossas vidas individuais em corpos. Nada pôde ser feito sobre a forma com que esses átomos caíram. Isso foi determinado, tendo a natureza como o resultado das combinações fortuitas de átomos, sem um princípio ordenador. Epíteto, portanto, ensinou que o mundo é simplesmente o que é, e que os sábios aceitam seu papel dentro dele, sabendo que não existe causa nem para a exultação nem para a depressão, pois uma posição na vida não é melhor nem pior do que outra. Uma estória famosa de Epíteto, que era um escravo, ilustra bem esse ponto. Pacientemente observando sua perna sendo quebrada pelo seu mestre, ele disse, de forma prática: “Eu avisei que minha perna iria quebrar se você a torcesse com força demais”. E isso foi tudo.

Conseqüentemente, se alguém estivesse para roubar algo de você, da mesma forma, você não iria tê-lo de volta, uma situação contra a qual você não tem controle. No entanto, você tem controle sobre como percebe a situação e como vai reagir. Epíteto falou sobre viver uma vida virtuosa, o que significa uma vida de moderação. De fato, “moderação em todas as coisas” era o impulso grego prevalecente. Você não se permite ficar excessivamente feliz nem triste, porque um é o lado oposto do outro. Você reconhece que o único significado de qualquer coisa aqui repousa em seu relacionamento com uma vida de virtude - a vida inteira de qualquer pessoa, sobre a qual ela realmente tem controle. Esse era o ponto principal de Epíteto – nosso controle sobre como reagimos ao mundo, o que nos provê com liberdade mesmo quando tipicamente não temos controle sobre o que acontece ao nosso redor.

Epíteto não disse isso, mas *Um Curso em Milagres* certamente o faz: coisas terríveis vão acontecer porque o mundo veio de um pensamento terrível – *“O mundo foi feito como um ataque a Deus”* (LE-pII.3:2:1). Isso teria que ser assim, uma vez que o mundo veio de um pensamento de separação que disse: “O amor ilimitado e a perfeição não são suficientes; eu quero algo mais – o amor e a atenção individual que Deus não me dá”. Em outras palavras, nós quisemos o especialismo ao invés do amor, a separação ao invés da unicidade. Dizer a Deus que Seu Amor não foi suficiente foi, portanto, o ataque original.

Uma vez que *idéias não deixam sua fonte*, o mundo físico de limitação, que nós já vimos que é um limite ao amor, nunca deixou sua fonte na mente, na qual reside o pensamento original do ego de amor limitado. Portanto, o mundo precisa ser um lugar terrível que é a sombra do pensamento terrível do ego. E então, Jesus nos incita a não ficarmos perturbados com sombras, pois se ficarmos, será apenas porque acreditamos que as sombras das nossas limitações e/ou as limitações do mundo nos aprisionam – elas têm um efeito deletério em nosso bem estar, pois elas podem nos magoar, nos impedir de fazer o que queremos, ou nos

[3] Zeno ensinou *stoa poikile* (que pintou A Colunata) em Atenas; seus seguidores passaram a ser conhecidos como estóicos.

fazer algo contra a nossa vontade. Nesse ponto, a percepção do ego sobre o corpo e o mundo é perfeitamente razoável e lógica.

Por outro lado, se nos permitirmos ser ensinados pelo nosso professor que o corpo e o mundo são simplesmente sintomas, sombras, ou projeções de uma decisão pelo pensamento limitado de que somos um ego – o problema real –, nosso mundo e vida irão mudar. Nós então vamos perceber tudo como uma sala de aulas na qual aprendemos a única lição que as pessoas dirigidas pela mente certa vieram para aprender: limitações são projeções de uma decisão de sermos um ser limitado, ao invés do Ser ilimitado que Deus criou. O mundo não muda, nem o fazem as imperfeições, defeitos e deficiências do corpo. O que muda são as nossas percepções. Lembrem-se de que no *Um Curso em Milagres* percepção é interpretação; não o que os olhos físicos vêem e relatam ao cérebro, mas nossa reação ao que vemos – tendo primeiro olhado através dos olhos do ego ou do Espírito Santo.

Os olhos do ego fizeram com você tornasse as sombras reais, ficando transtornado, perturbado, desesperado, ou em êxtase – especialmente quando vê limitações em outros ao invés de em si mesmo. Se os olhos forem de Jesus, no entanto, você vê tudo como uma sala de aulas que vai ajudá-lo, e você fica grato porque percebe que qualquer coisa que acontece pode ser transformada em um meio de devolvê-lo à sua decisão pela limitação que está na sua mente. Todas as coisas, sem exceção – uma pequena contusão ou câncer, uma deficiência física grande ou pequena – são vistas como a mesma, porque elas permanecem limitações vindo da decisão da mente de estar com o ego ao invés de com o Espírito Santo. É essa disponibilidade a que Jesus se refere na passagem sobre sombras, aqui em sua mais completa:

> *Não confies nas tuas boas intenções. Elas não são suficientes. Mas confies implicitamente na tua disponibilidade, não importa o que mais possa entrar nisso. Concentra-te apenas nela e não te perturbes pelas sombras que a cercam. É por isso que vieste. Se pudesses vir sem elas, não terias necessidade do instante santo* (T-18.IV.2:1-5).

Os bem-intencionados sempre partem de seus egos – querendo ajudar as pessoas e fazerem coisas boas que eles consideram significativas e santas. É por isso que Jesus ensina que os "bem-intencionados" nesse sentido não são a questão. A disponibilidade que ele nos pede para confiarmos implicitamente está relacionada à nossa decisão de aprendermos com ele ao invés de com o ego. *Essa* é a questão, e não o que pensamos que deveríamos fazer para ajudarmos a nós mesmos e aos outros. De acordo com isso, não é nosso estudo e leitura do *Um Curso em Milagres* que é importante, mas nossa pequena disponibilidade de aprendermos o que estamos lendo e estudando, pedindo a Jesus para nos ajudar a colocar seus ensinamentos em prática. Isso significa que a parte tomadora de decisões das nossas mentes tem a pequena disponibilidade de começar a questionar os limitados mundos externo e interno que o ego nos disse ser a realidade. Se nós pudéssemos vir sem sombras, Jesus está dizendo, não teríamos necessidade do instante santo, do milagre, do perdão, do *Um Curso em Milagres*, nem dele como nosso professor. Ele obviamente fala ao propósito da nossa mente certa quando diz *"é por isso que vieste"* – a pequena disponibilidade de aprender uma lição diferente, de um professor diferente.

Isso significa, então, que nossas sombras, imperfeições e falhas – físicas e psicológicas – se tornam parte do currículo, o livro texto que Jesus usa para nos ensinar a olhar de forma diferente para essas limitações. Esse "olhar de forma diferente" é o significado do perdão. Ficarmos perturbados ou entusiasmados por elas significa que as tornamos reais, e já escolhemos o ego como nosso professor. Nós escolhemos Jesus em um minuto, e no seguinte, mudamos nossas mentes porque ele ensina que nossas limitações são apenas sombras, assim como o ser especial com o qual nos identificamos. Nossa perturbação ou obsessão são atiradas em seu rosto e em seu ensinamento, o que nunca iria justificar essas reações para nós mesmos ou para os outros. O ego naturalmente encoraja e reforça a decisão de sermos afetados pelas sombras, retirando nossa pequena disponibilidade. Nós, portanto,

dizemos ao ego, “Eu prefiro você e seu ensinamento”, uma reminiscência do que fizemos no início, quando dissemos a Deus: “Eu não gosto da forma como Você faz as coisas, nem do Seu tipo de amor, e então, vou fazer um tipo diferente”. Nesse ponto, nós substituímos Deus, e nos colocamos no trono da criação. O ser resultante é o ego – nosso novo criador, ou, como as primeiras páginas do texto dizem, nosso criador errôneo.

Substituir Jesus como nosso professor reflete a substituição ontológica na qual deixamos Deus e Seu Amor. É por isso que existe tanta culpa associada a Jesus ou ao Espírito Santo, porque fazemos a Eles é isso que acreditamos ter feito a Deus. Sempre que você se permitir – e eu uso essas palavras deliberadamente – ficar transtornado por qualquer coisa nesse mundo, pessoal ou coletiva, terá deixado Jesus. No entanto, tão logo se torne consciente de que algo no mundo o transtornou e pedir ajuda, você vai retornar a ele. As sombras que o seu ego usou para condenar a você e aos outros, então, se tornam o currículo que Jesus usa para ensinar que a limitação está apenas na mente – e *que* podemos fazer algo a respeito disso. “A função especial”, que vamos considerar depois, nos diz que o que fizemos para ferir ou provocar dano, o Espírito Santo usa para curar (T-25.VI.4:1). O corpo limitado e a personalidade defeituosa que fizemos para provar a Deus que não fomos nós que escolhemos as limitações – alguém mais o fez – se tornam o currículo no qual pedimos ajuda a Jesus. Essas limitações, portanto, são os próprios meios que ele usa para nos ensinar que o que é limitado não são nossa personalidade, corpo ou habilidade, mas o ser que escolhemos para substituir o Ser de Cristo. Em cada vez que somos tentados a tornar o erro da limitação real, ele gentilmente nos traz de volta à mente que o fez, nos ajudando a entender por que ele o fez.

Nós continuamente damos compensações por essa limitação original de um ser, sobre a qual nos sentimos tão culpados, porque a usamos como um ataque a Deus. Nós secretamente acusamos a nós mesmos desse pecado de usarmos mal o poder de nossas mentes. Todos fazem isso porque nós fizemos isso como uma mente. O senso subjugante de culpa e mal feito que compartilhamos vem do pensamento: Eu peguei o poder da minha mente, e em vez de fazer com que ele fosse uma parte da Mente todo-poderosa de Deus, eu o usei para me separar Dele, dessa forma tornando Sua Mente ineficiente, impotente, e inexistente, porque uma Mente não pode ser dividida e continuar a existir. A culpa derivada do mau uso da mente é tão imensa – tendo feito um ser limitado para não apenas substituir o ilimitado, mas também para atacá-lo -, que tudo o que podemos fazer é lidar com ela o melhor que pudermos, projetando um corpo, um ser e um mundo de limitação, mas não retendo nenhuma responsabilidade por ele.

Durante parte da sua carreira, Helen Schucman trabalhou com crianças retardadas, seu amor profissional. Logo no início da transcrição do *Um Curso em Milagres*, Jesus falou com ela sobre aqueles que nasceram mentalmente retardados, como uma forma de ajudá-la a entender o que ele estava ensinando no Curso. Ele disse que esses indivíduos escolheram o retardo porque estavam tentando retardar uma vontade excessivamente forte, significando que essas entidades se acusavam de terem uma mente tão poderosa e pecadora que inevitavelmente iriam usá-la para destruir. Eles tornaram seu erro real e depois, como uma compensação a isso, fizeram um ser severamente limitado – o que chamamos de retardo mental. Essa é a razão pela qual ninguém realmente entende a causa do retardo, ou de qualquer doença física ou mental. Pesquisadores buscam algo externo que seja defeituoso: um gene, um desequilíbrio químico, fatores ambientais, ou relacionamentos parentais – qualquer coisa que seja defeituosa *exceto* a decisão que a mente tomou. Só lá o defeito pode ser encontrado e corrigido. O mesmo vale para qualquer limitação física ou mental, que podem servir para impedir o mau uso pecaminoso do poder da mente. Aqueles que escolhem dessa forma se tornam vítimas inocentes e sem poder, defendendo-se contra a acusação de que são *todo-poderosos*, e então protegem a si mesmos e aos outros da tendência subjacente de matar, roubar, canibalizar, estuprar ou abusar. O ser que eles fizeram é propositalmente limitado, tornando suas mentes pecadoras totalmente inacessíveis ao mau uso.

Esse, então, foi o ponto mais amplo de Jesus a Helen. Nós chegamos ao mundo com deficiências e limitações, que são intencionais, pois elas dizem a Deus: “Não me acuse de ser agressor, pecador ou assassino. Veja – sou fraco, limitado e sem poder. Como poderia roubar

de você ou violentar Seu Amor? Na verdade, como eu poderia destruir o Céu? Olhe para mim – não posso somar dois mais dois corretamente, ou ler palavras em uma página; não posso amarrar meus próprios sapatos, dirigir um carro, ter um emprego, ou manter um relacionamento satisfatório". Portanto, todos nós temos coisas que não podemos fazer, ou que não podemos fazer corretamente. O propósito é tudo, e nosso propósito, mais uma vez, é estabelecer que a limitação é real, assim como seu pensamento subjacente, mas que não somos responsáveis por ele.

Conseqüentemente, quando ficamos transtornados com as limitações, congelamos o processo de cura e tornamos impossível o retorno à mente, quer o julgamento seja sobre nossas limitações ou as dos outros. Enquanto virmos o problema como estando no corpo – o nosso ou o dos outros, o nosso mundo ou o mundo mais amplo – estaremos dizendo a Jesus que não estamos interessados em suas lições, pois as lições do ego de que o mundo de limitações é real são muito mais atrativas para nós - não uma sombra, mas a realidade -, e apresentam um problema que *não* está em nós, e pede nossa atenção.

Precisamos reconhecer que transformamos nossos mundos limitados e corpos deficientes em prisões para demonstrarmos nossa inocência dos pecados que colocamos sobre os outros. No entanto, fugir do poder da mente é uma forma pobre de lidar com o problema, e Jesus certamente não estava sugerindo a Helen que essa seria uma boa forma. Resolver o problema dessa forma meramente torna o pecado real: eu pequei; o pecado é real; e agora eu asseguro que o corpo seja defeituoso, deficiente e incapaz. Seria muito mais útil, Jesus nos lembra, que a mente percebesse: eu simplesmente cometi um equívoco, em nada diferente do equívoco que todos os outros cometeram, e existe uma forma melhor de corrigi-lo. Por exemplo, o indivíduo pode vir para o mundo com uma mente poderosa – todos nós temos mentes poderosas -, mas experienciar sua habilidade e inteligência. A oportunidade então será aprender a não usar mal a mente – ela pode ser usada para ajudar, ao invés de atacar, abusar, ou tirar vantagem dos outros. Essa seria a forma da mente certa de lidar com o problema, pois a limitação terá se tornado uma sala de aula feliz para aprendizado, ao invés de uma prisão de sofrimento.

Em resumo, podemos generalizar do exemplo de Jesus sobre o retardo mental para *todas* as circunstâncias nas quais as pessoas se encontram. Em outras palavras, nossos estados físicos e psicológicos atuais são escolhidos pela mente para alcançar um propósito. Uma vez que a mente é dividida, o propósito é duplo: o ego de mente errada deseja manter a crença na realidade do pensamento pecaminoso de separação, mantendo o Filho de Deus *sem mente*, enquanto o Espírito Santo de mente certa corrige isso, restaurando ao Filho a consciência da sua mente, ensinando-o a ser *repleto de mente* conforme ele atravessa seu dia, trazendo suas experiências e reações corporais à mente que é sua fonte. Seguindo o sistema de pensamento do nosso novo Professor, ultrapassamos o julgamento da *forma* que o corpo assumiu, para o *conteúdo* subjacente da mente.

Um Curso em Milagres, portanto, nos ajuda a entender – um passo além de Epíteto – que tendo criado o mundo para nos manter sem mente, podemos usá-lo para voltarmos para a mente e para nossa decisão pelo pensamento imperfeito. Não podemos mudar o mundo, mas, por que iríamos querer fazê-lo? Por que iríamos querer vagar por aí com sombras, quando podemos mudar a *fonte* das sombras – a decisão de sermos separados da luz. Para parafrasear a Introdução ao texto, esse não é um curso em amor ou luz, mas em remover os bloqueios à nossa consciência do amor e da luz (T-in.1:6-7). O bloqueio original a essa consciência é a decisão pela limitação ao invés de pelo ilimitado. Nós agora vemos o mundo da limitação e as sombras como uma oportunidade de voltarmos para nossa decisão pelo limitado ao invés de pelo ilimitado. Esse é o sumo e a substância do *Um Curso em Milagres*: nos prover com um Professor Que nos ajuda a olharmos para nossas limitações sem julgamento.

A Liberação do Julgamento

A liberação do julgamento é um tema chave no *Um Curso em Milagres*. Na verdade, podemos dizer que isso abarca o sistema de pensamento do Espírito Santo. É por isso que é

necessário reconhecer que sempre que enfatizamos nossas limitações, ou buscamos negar nossas próprias limitações, apontando as de outra pessoa, estamos julgando. Qualquer coisa que separe a Filiação tornando as diferenças superficiais entre a Filiação importantes e reais – e, portanto, merecendo julgamento – reforça o ego e impede que jamais o deixemos. A comparação está inevitavelmente envolvida em tal processo, pois a intenção em comparar é acentuar as limitações: nós comumente pensamos que outra pessoa é mais inteligente ou mais eficiente, mais bonita ou elegante, uma atleta ou estudante melhor, e assim por diante. Sempre que comparamos a nós mesmos com outra pessoa – tanto como superior quanto como inferior -, dizemos que o Amor de Deus não é Um, imitando o julgamento original feito contra Deus e Seu Filho.

Comparações limitam o ilimitado e, portanto, Jesus nos diz duas vezes que *"o amor não faz comparações"* (T-24.II.1:1; LE-pI.195.4:2). Elas reforçam não apenas a ilusão da nossa separação uns dos outros – e de Deus -, mas o conceito de limitações em si mesmo. Quando comparamos, elevamos uma pessoa e denegrimos a outra – o selo distintivo do relacionamento especial: eu amo certas pessoas porque elas são melhores do que outras, no sentido de serem melhores para mim. Elas atendem às minhas necessidades especiais e, portanto, eu as amo por sua habilidade especial de me amarem ao invés de a outra pessoa. Além disso, comparações envolvem implicitamente um senso do que a vida seria sem limitações, defeitos ou deficiências: eu tenho um conceito na minha mente de que deveria ser algo diferente do que sou. Inevitavelmente envolvido em tal julgamento está o pensamento de ataque: algo ou alguém me fez dessa forma. Quer sejam meus pais, meus genes, o mundo ou Deus – algum agente externo é responsável pelo meu estado atual.

Existe um julgamento inerente nessas percepções de limitações porque a limitação original foi um julgamento, o fato de dizermos a Deus: "Sua ausência de limites e perfeito Amor não são suficientes para mim. Conseqüentemente, vou deixar seu mundo e fazer o meu próprio". O mundo, portanto, tem que ser imperfeito, pois não é de Deus, e, portanto, não é ilimitado ou amoroso. Quando as pessoas experienciam o amor aqui, ele é baseado em coisas externas – a versão de amor do ego. O mesmo é verdadeiro sobre a experiência de liberação dos grilhões do ego, ou de qualquer coisa que se acredite que o esteja algemando. A verdadeira liberdade de amor ilimitado está na mente, não tendo nada a ver com o corpo ou o mundo.

Não podemos fazer isso acontecer mudando o que está fora, mas apenas voltando para o que está dentro. "Se *você* não é responsável por minhas deficiências e defeitos, quem é?". Essa, é claro, é a pergunta que nunca queremos fazer. Se o mundo não nos transformou nessa imensa falência, os lamentáveis espécimes do homo sapiens que acreditamos ser, então, nós o fizemos. Esse *nós*, é claro, não é o corpo – o "herói" do sonho do ego (T-27.VIII) –, mas a mente que escolheu isso. *Um Curso em Milagres* nos ajuda a entender que o ego fala primeiro, e está sempre errado, e o Espírito Santo é a Resposta (T-5.VI.3-4). Nós nos tornamos imperfeitos, defeituosos e limitados para que pudéssemos apontar um dedo acusador a alguém – qualquer um – e dizer: "Você fez isso comigo. Observe-me, irmão, em suas mãos eu sou imperfeito, limitado e um fracasso. Não é minha culpa". Ao fazer isso, esperamos escapar do assassinato – literalmente -, porque o assassinato é a fonte da nossa crença original na limitação. Acreditamos que nós – como um Filho – matamos Deus e destruímos o Céu. Nós canibalizamos o que não era nosso – o poder criativo que dá vida eterna, estabelece o universo do espírito, e ama perfeitamente – acreditando que poderíamos fazê-lo por conta própria. Nós nos apoderamos de tudo isso à custa de Deus, o que é o pensamento original do pecado no qual nossa culpa está depositada.

Nós tentamos nos tornar livres dessa culpa, não por percebermos que nada aconteceu – que é o que Jesus quer que compreendamos -, mas por fazermos um mundo de corpos no qual podemos projetar nossa culpa, o que nos capacita a declarar: "Não fui eu que causei a limitação. *Você* fez isso, e eu sou a prova limitada, imperfeita e falha do seu mau ato". Tudo isso serve perfeitamente ao propósito do ego de manter longe da consciência o fato de que nós fizemos isso a nós mesmos. Enquanto apontarmos um dedo acusador para os outros, poderemos proclamar justificadamente nossa inocência, e nossas limitações e desvantagens

testemunham que o sistema de pensamento do ego está vivo e bem, mas não é nossa responsabilidade. Nós nos fixamos em, e ficamos obcecados com limitações, desvantagens, e em encontrar falhas nos outros, no entanto, secretamente adorando encontrar o mau feito que buscamos no mundo, em seus líderes, na infra-estrutura de um país – como, na verdade, nada funciona direito. Acima de tudo, ficamos obcecados em encontrar falhas em nossos próprios corpos. É por isso que fizemos nosso sonho para ser de tal forma que o corpo não apenas seria imperfeito, mas ficaria doente e envelheceria, se deterioraria, e finalmente deixaria de funcionar totalmente.

Todos nós sabemos como adoramos reclamar uns aos outros – família, amigos, colegas de trabalho, até de estranhos – sobre como nossos corpos falham conosco: não dormimos ou nos alimentamos bem, não temos uma boa digestão ou evacuação, não nos relacionamos bem com os outros – não fazemos nada bem. Somos obcecados com os corpos e com suas falhas óbvias – como indivíduos e como sociedades. Leiam qualquer jornal ou ouçam qualquer noticiário – sempre existem reclamações sobre algo ou alguém. Nós dizemos que o mundo não funciona direito, embora devesse – a comparação disfarçando o ataque que está subjacente a tudo o que fazemos aqui. O julgamento, mais uma vez, é que nós tornamos os outros responsáveis por nossa natureza deficiente e pelos defeitos do mundo.

O mundo como um todo é um subterfúgio gigante para manter longe da nossa consciência o fato de que *nós* – nossas mentes tomadoras de decisões – fizemos isso. Perto do final do Capítulo 27, nos é dito: *"O segredo da salvação é apenas esse: que tu estás fazendo isso a ti mesmo"* (T-27.VIII.10:1). Não é o mundo que é limitado, mas nossas mentes, limitadas pela decisão que negou nosso poder sobre a limitação. Esse era o ponto central de Epíteto: Você não pode mudar o mundo, mas pode certamente mudar sua forma de reagir a ele. Para esse sábio filósofo, os virtuosos eram aqueles que olhavam para as coisas de forma diferente, e não deixavam o mundo afetar a maneira como se sentiam interiormente. Jesus diz a mesma coisa a nós em *Um Curso em Milagres*. Nós somos os governantes do universo (e.g., LE-pII.253): não podemos mudar o universo físico, mas podemos mudar a forma com que olhamos para ele. *"Portanto"*, Jesus nos diz, *"não busque mudar o mundo, mas escolhe mudar a tua mente sobre o mundo"* (T-21.in.1:7). Uma vez que o mundo não é nada mais do que uma projeção do nosso próprio pensamento, nós *podemos* fazer algo sobre nosso pensamento, escolhendo de forma diferente, nós governamos nosso universo. Ninguém mais tem esse poder, a menos que o dermos a alguém. No entanto, se eu der o poder a você ou a qualquer outra pessoa, eu sou o único responsável por dá-lo, o que significa que ainda o tenho. Posso não ter poder sobre seu corpo, mas tenho poder sobre como reajo a ele. O seu corpo pode ser capaz de fazer todos os tipos de coisas ao meu, mas você não pode fazer nada à minha mente. A única pessoa que tem esse poder sou eu – não Deus, nem o Espírito Santo, Jesus ou o ego -, o que deixa apenas a parte tomadora de decisões da minha mente no controle. Esse é o poder do qual Jesus está continuamente nos lembrando. Novamente, quando ficamos perturbados por causa das sombras das limitações em nossos corpos e no mundo, estamos dando poder a alguém ou algo fora de nós.

É essencial entender que fomos nós que escolhemos a limitação e, portanto, somos os únicos que podem desfazê-la. Até que essa escolha seja feita, esse mundo *vai* nos aprisionar. Na verdade, para a mente errada, o mundo *é* uma prisão, com o corpo sendo uma mini-prisão por ser uma limitação, a mesma coisa que as barras em uma cela de prisão. No entanto, o corpo é uma limitação enquanto pensarmos que é. Se fôssemos um prisioneiro real em uma cela, obviamente seríamos limitados pelas barras de ferro que nos impediriam de sair – um fato dentro do mundo. Presos em um campo de concentração são mantidos prisioneiros pelos guardas e não podem fazer nada sobre sua situação externa. Suas mentes, no entanto, não podem ser aprisionadas pelos guardas nem pelas barras, e nem pelo corpo limitado e deteriorado. O amor da mente não pode ser limitado por um órgão doente ou uma doença social ou pela situação política, mas o corpo pode. Nossos genes tornam nosso corpo o que ele é: saudável ou não; olhos castanhos ou azuis. No entanto, isso não faz diferença para a mente, a menos que ela se identifique com o corpo, no que pode fazer uma grande diferença. Portanto, as pessoas se tornam obcecadas em mudarem seus corpos – tornando-os mais

fortes, jovens, mais velhos, mais saudáveis, mais bonitos, mais magros ou mais pesados. Todas essas tentativas fazem sentido perfeito uma vez que nos identificamos com o físico, assim como aconteceria com nossa tentativa de mudar o mundo. No entanto, uma vez que mudamos nossa identificação para a mente, nossa orientação se torna completamente diferente, pois a única coisa que tentaríamos mudar seria sistemas de pensamentos. O selo distintivo dessa mudança é a atitude de não-julgamento – a aceitação do externo através da mudança do interno. Dessa forma, um mundo adverso, tornado desagradável pela amargura, se torna doce pelo gentil e benigno amor do nosso novo professor.

2. “Doces são os usos da adversidade”

Nosso professor, Jesus, nos ajuda a mudarmos nossa percepção das limitações do corpo e do mundo no qual nossos corpos vivem – da prisão para a sala de aulas. Alguns versos adoráveis na primeira comédia de Shakespeare, *Como queira*, são a inspiração desse capítulo. O contexto desses versos, uma frase que dá o título a esse capítulo, é a reação do duque ao seu banimento para a floresta, depois que seu reino foi usurpado por seu inescrupuloso irmão mais novo. Não sucumbindo ao desencorajamento ou ao desespero, o duque acha que o exílio não é tão ruim assim afinal – por uma coisa, ele não tem que lidar com as cargas de estar na corte. O duque diz:

Doces são os usos da adversidade;
.....
E essa nossa vida, isenta do assalto público,
Encontra línguas em árvores, livros nos riachos correntes,
Sermões em pedras e bem em tudo:
Eu não o mudaria.

Um de seus servos responde:

Feliz é a vossa Graça,
Que pode traduzir a obstinação do destino
Em um estilo tão doce e quieto.

Esses sentimentos benignos e gentis encontram um paralelo em uma passagem perto do final do texto, na qual Jesus nos diz:

> *As provações são apenas lições que falhaste em aprender apresentadas mais uma vez de forma que onde antes fizeste uma escolha faltosa agora possas fazer outra melhor e assim escapar de toda a dor que o que escolheste antes trouxe a ti* (T-31.VIII.3:1-4).

O que é digno de nota sobre esse pequeno discurso é que Shakespeare não diz “Quão doce é a adversidade”, mas “Quão doces são os *usos* da adversidade”. O mesmo acontece com *Um Curso em Milagres* – em lugar algum Jesus diz que o mundo é algo bom ou doce. De fato, ele propositalmente diz o oposto, conforme delineia para nós uma imagem desolada do nosso lar, nunca tentando adoçá-la ou torná-la mais bonita. Ele simplesmente expõe para nós como o mundo é, sendo um ataque a Deus (LE-pII.3.2:1). No entanto, embora seja um lugar de inferno, sofrimento e morte – por ter vindo de um pensamento de inferno, sofrimento e morte -, o mundo ainda pode servir a um uso doce, a um propósito diferente: traduzido da prisão que o ego usa para nos escravizar, para uma sala de aulas na qual Jesus nos ensina suas lições felizes de perdão. Essas lições, então, seriam “doces”, e então, o criado do duque comenta que seu mestre está feliz porque “pode traduzir a obstinação do destino em um estilo tão doce e quieto”.

O ponto aqui é que quando vivemos de acordo com nossas mentes certas, com Jesus ou o Espírito Santo como nosso Professor, vivemos pelo princípio da aceitação – aceitando o mundo como é e nossas vidas de limitação sem tentar mudá-las. Esse é um passo importante que não pode deixar de ser dado sem conseqüências negativas para nosso progresso espiritual. No texto, Jesus afirma que *“o ego analisa; o Espírito Santo aceita”* (T-11.V.13:1). O ego fez um cérebro que aparentemente governa o corpo porque o cérebro é o instrumento da análise. É o que acreditamos que pensa, raciocina e entende, recebendo os dados sensórios que os nossos cinco sentidos nos apresentam, como foram programados pelo ego para

fazerem, e sintetizando-os para produzirem uma conclusão que pensamos fazer sentido e, ainda mais insanamente, na qual pensamos trabalhar. Em essência, nós pegamos a informação ilusória à qual demos uma explicação ilusória, e depois acreditamos que essa é a realidade, o que depois se torna a base para nossa resposta e reação.

O Espírito Santo, por outro lado, não analisa. Ele simplesmente aceita o que é verdadeiro. Isso se traduz em nossa experiência pessoal de aceitar o que por si só é verdadeiro no mundo da ilusão: nada aqui tem o poder de nos trazer prazer ou dor, alegria ou pesar. No processo de atingirmos esse nível, no entanto, precisamos nos certificar de que não estamos evitando reconhecer que o mundo é realmente um lugar horrível, onde vivenciamos a intenção horrível de nossas mentes de limitar o amor às nossas especificações de especialismo. O único valor do mundo – um valor imenso, com certeza – é que ele exibe para nós o que está em nossas mentes. O que precisa de correção e cura é a equivocada decisão da mente de se identificar com o ego ao invés de com o Espírito Santo, e nossa culpa e medo derivam dessa escolha errônea. Olhar para o mundo *sem mente* através dos olhos de Jesus nos mostra esse equívoco para que possamos, *repletos de mente*, escolher outra vez.

Essa visão corrigida reflete o importante conceito do Curso de que *a projeção faz a percepção.* Sem dúvida, a projeção é o conceito mais importante a se entender para aplicarmos os ensinamentos do *Um Curso em Milagres*. O texto em geral, e as primeiras lições do livro de exercícios especificamente, são sobre projeção – a crença do ego de que idéias deixam sua fonte. A correção do Espírito Santo de que *idéias não deixam sua fonte* desfaz essa dinâmica do ego, mostrando que o que percebemos do lado de fora vem do que está dentro. Esse "dentro" não é uma psique amorfa ou um cérebro, mas a mente. Recordem-se de que o que me dá acesso à minha mente é prestar atenção ao que acontece em minha vida corporal: o que sinto sobre um programa de notícias, uma situação ou pessoa – minhas imperfeições e limitações projetadas. Se eu não estou em paz, escolhi o ego. *Um Curso em Milagres* me ajuda a perceber não apenas *que* eu fiz isso, mas *por que* eu o fiz: eu não quero estar em paz, porque sem conflito, vou deixar de ser a criatura injustamente tratada que vejo como minha identidade.

O mundo então se torna uma sala de aulas com um sentido significativo para nós, mas não por causa do seu valor inerente – ele não tem nenhum. É importante aceitar o mundo de limitações – coletivo e pessoal – porque esse é nosso único acesso para aceitarmos o que escolhemos em nossas mentes. Nós aceitamos "a obstinação da [nossa] fortuna", como o duque de Shakespeare fez, porque o perdão é quieto e doce.

A adversidade que associamos com nossas limitações é escolhida como uma defesa contra a felicidade repleta de paz de ser uma criança de Deus. Doces, na verdade, são os usos da adversidade quando olhamos para as limitações que escolhemos e agora escolhemos outra vez, não por mudarmos nosso corpo ou a situação externa, mas por mudarmos o propósito do corpo e da situação. Ao invés de serem uma defesa, eles se tornam os meios do nosso retorno à mente, que podemos escolher outra vez. Na peça de Shakespeare, o duque, como faria qualquer bom estóico, aceitou seu destino; ele não lançou uma contra-invasão contra seu irmão mais novo. Na peça, tudo acaba bem; no entanto, não importando o resultado de uma situação, podemos estar em paz. Se estivéssemos no lugar do duque, talvez fôssemos guiados a conquistar a terra que foi tirada de nós. Mas se nós seguíssemos esse curso de ação, o faríamos sem investimento no resultado, e sem ódio ou desejo de vingança.

Eu mencionei acima o paralelo ao discurso do duque no fim do texto. Aqui está a próxima linha nessa passagem:

> *Em toda dificuldade, toda aflição e a cada perplexidade, Cristo te chama e gentilmente diz: "Meu irmão, escolhe outra vez"* (T-31.VIII.3:4-6).

Jesus não está negando que iríamos experienciar dificuldade, angústia ou perplexidade. É por isso que, para dizer novamente, é psicologicamente desastroso, para não dizer que é prejudicial ao nosso crescimento espiritual, negar as experiências negativas. Ao invés de nos sentirmos culpados, irritados ou deprimidos em relação a um problema – físico ou psicológico -,

precisamos aceitá-lo como uma sala de aulas, dizendo a nós mesmos que essa é a forma na qual vamos aprender o que precisamos aprender: qualquer que seja a angústia, é nossa escolha. Isso não é assim porque sejamos neuróticos, psicóticos ou maus, mas porque queremos provar que somos quem não somos; que o ser separado, pecador e culpado é real, e nosso Ser glorioso é uma ilusão. Qualquer que seja sua forma, nós simplesmente estamos usando a angústia para provar a realidade da separação. Qualquer coisa que sintamos que nos rouba a paz – nossas imperfeições ou as dos outros, circunstâncias além do nosso controle – pode agora servir a um propósito diferente que deveríamos acolher. Ao invés de lutarmos contra o sintoma, problema ou situação – precisamos abraçá-lo, não porque ele tenha valor em e por si mesmo, mas pelo propósito ao qual agora vai servir. Esse próprio defeito, imperfeição ou situação adversa é a sala de aulas que Jesus pode usar para nos ensinar que tudo isso está na mente. Não apenas isso, mas está na mente porque queremos que esteja lá. Se nós nos sentirmos agoniados em relação a alguma coisa, a reprimirmos, a abafarmos, discutirmos com ela, ou nos sentirmos culpados em relação a ela, privaremos Jesus da sala de aulas de que ele precisa para nos ensinar. Afinal, um professor não pode ensinar sem uma sala de aulas ou um currículo.

Portanto, nossas limitações, sintomas e problemas são os currículos para a sala de aulas de Jesus, e nosso professor quer que os recebamos bem, em um espírito de aceitação, ao invés de nos sentirmos agoniados em relação a eles. Para repetir essa lição central, se nos desesperarmos com nossas limitações, negamos a Jesus seu único meio de nos ajudar. Faríamos isso apenas porque não queremos sua ajuda e não queremos aprender com ele. Por que mais iríamos negar a ele essa sala de aulas? Tudo tem um propósito, mesmo se não parecer assim. Ficar transtornado é, portanto, uma forma de empurrar Jesus para longe – *des*-convidá-lo, por assim dizer.

Nós, portanto, precisamos dar boas vindas a ele nas salas de aulas das nossas vidas para que ele possa nos ajudar a perceber de onde o transtorno está realmente vindo. Se nós criarmos um grande caso sobre o que vemos como um sintoma neurótico ou limitação, fragmentamos nossas vidas. Estar no mundo é *o* sintoma neurótico, enquanto estar em um corpo é *a* limitação inerente ao nosso ser. Por que deveríamos selecionar certas limitações sobre as quais nos sentimos agoniados, quando toda a nossa existência é uma limitação? Por exemplo, nosso campo de visão é uma limitação, porque nossos olhos foram feitos para não enxergarem (e.g., T-22.III.6:1; T-28.V.4:8). Não poderíamos pedir um exemplo melhor de limitação. A visão real – a visão de Cristo – acontece na mente quando nos unimos ao Espírito Santo. No entanto, nós fizemos olhos que são severamente limitados *porque* não podem ver. Na verdade, Jesus se refere aos nossos olhos cegos (e.g., T-24.V.7:3; T-25.V.2:11; LE-pI.121.4:2). Nossos ouvidos, também, são uma limitação, pois a única "audição" significativa é ouvir a Voz do Espírito Santo como a correção por termos ouvido a voz do ego. Ao invés de ouvirmos verdadeiramente, nós fizemos ouvidos e então acreditamos que eles ouvem sons, que não estão realmente lá.

Além disso, tratamos com atenção exagerada alguém que nasceu com um cérebro limitado, que pensa com um QI de 70 ao invés de 120 – como se isso realmente fosse diferente de nascer com olhos. Alguém poderia objetar que todos têm olhos, mas alguns olhos vêem melhor do que outros, e alguns ouvidos ouvem melhor do que outros. Animais vêem, ouvem e cheiram de forma diferente de nós; no entanto, eles também estão vendo coisas e ouvindo sons, e cheirando odores que não estão lá. Lembrem-se, o corpo em si mesmo é uma limitação. Um braço enfraquecido pela doença ou um cérebro limitado por um cromossomo defeituoso não é diferente de nascer com um corpo saudável. Lembrem-se da afirmação de Jesus no texto de que o corpo é um limite ao amor, feito para limitar o ilimitado (T-18.VIII.1:2-3). Sua lição a nós é que não importando a limitação, podemos aprender a ver e a pensar, mas não com os olhos e o cérebro.

É útil reconhecer que temos um investimento em nos focalizarmos em sintomas específicos porque enquanto o fizermos – nos sentindo agoniados e desesperados -, fazemos simplesmente o que o ego quer, protegemos a nós mesmos dos ensinamentos de Jesus. Depois aumentamos essa arrogância por pedirmos a ele para nos ajudar, quando na verdade o

estamos empurrando para longe. A ajuda que suplicamos a ele nesse ponto é mágica, não um milagre, pois o último muda a mente, enquanto a primeira muda os sintomas do corpo – Jesus é um professor de milagres, não um mágico. Observem, portanto, como vocês se focalizam em problemas específicos, limitações e sintomas, quer seja em vocês mesmos ou nos outros. Qualquer coisa que fragmente é do ego, pois seu sistema de pensamento está enraizado na fragmentação, como Jesus descreve em "A realidade substituta" (T-18.I).

Ao falar sobre dificuldade, angústia e perplexidade, Jesus nos indica que ele sabe que nossas vidas não são particularmente fáceis. Ele nos ajuda a sabermos, em meio à nossa inquietação, que podemos olhar para tudo de maneira diferente. Voltando ao discurso do duque, "Doces são os usos da adversidade", Jesus não iria mudar a adversidade, mas, ao invés disso, iria nos ajudar a mudar o *uso* que fazemos dela. Quando Jesus diz, "Meu irmão, escolhe outra vez", ele não está nos dizendo para escolhermos uma forma diferente; ele está nos aconselhando a escolhermos uma forma diferente de *olharmos* para a forma. Lembrem-se, se vocês se focalizarem em mudar o externo, o terão tornado real, o que significa que terão caído novamente na armadilha do ego. O ego quer tornar os problemas do mundo e do corpo reais porque isso nos mantém sem mente, protegendo o ego do poder de escolha da mente. A esse respeito, é importante não perdermos de vista o fato de que o ego somos nós – a parte da mente que gosta de ser separada, especial e única. Essa parte teme o tomador de decisões na mente – a única coisa no universo que tem o poder de desfazer o ego. Portanto, escolher outra vez significa a mente escolhendo um professor diferente, que tranquilizadoramente nos diz:

> *As imagens que fazes não podem prevalecer contra o que o Próprio Deus quer que sejas* (T-31.VIII.4:1-2).

Se Deus ou Jesus estivessem envolvidos em ajudá-lo com seus problemas, isso os tornaria reais, o que significa que você não seria como Deus o criou. Considere que se Deus criou você como Cristo, Que não tem problemas, insistir em que Jesus o ajude com seus problemas é exigir que ele compartilhe sua auto-imagem esfarrapada, vendo você da forma com que *você* mesmo se vê – um ser vulnerável acossado por problemas -, e não como o Ser que Deus criou. Seja grato, então, por ele não fazer nada no mundo porque, se o fizesse, não seria o símbolo supremo do Amor de Deus, pois teria visto você como um ego sobrecarregado de problemas. No entanto, novamente, é assim que você insiste que Jesus o veja todas as vezes em que pede ajuda específica, e o motivo pelo qual ele disse a Helen para não pedir a ele para ajudá-la a liberar seu medo (T-2.VI.4:1-3). Essa é a pior coisa que ela poderia ter feito, pois isso seria feito contra o propósito do Curso de nos devolver ao poder de escolha da mente. Jesus, portanto, diz a todos nós: "Você escolheu ver a si mesmo como tendo problemas, e posso ajudá-lo a olhar para eles, mas não posso ajudá-lo com aquilo que você percebe como verdadeiro. O fato é que você não tem problemas, exceto em pensar que tem". É assim que Jesus nos ensina que nada tem poder de nos separar do Amor de Deus em nossas mentes, pois, apesar das nossas limitações e imperfeições – projetadas no corpo -, permanecemos o Filho único que Deus criou como um com Ele. Perdoar as limitações – em nós mesmos e nos outros – limpa a interferência à lembrança da nossa unicidade uns com os outros, conosco mesmos e com o nosso Criador.

3. “Um irmão é todos os irmãos” – Sem exceções

Um dos principais objetivos dessa discussão é que cheguemos a reconhecer o quão fácil e rapidamente nós julgamos, e como usamos os ensinamentos do *Um Curso em Milagres* para reforçar esses julgamentos. Uma regra útil e indicativa a se seguir é que se o que você disser sobre alguém não for verdadeiro em relação a absolutamente todas as pessoas, então, precisa estar vindo do seu ego, e é um ataque – *sem exceções*. Todos nós compartilhamos o mesmo poder de escolha entre eles – *sem exceções.* Isso é verdadeiro para todos – *sem exceções.* Quando você fala sobre limitações específicas, caiu no julgamento, o que significa que está ouvindo a voz do ego. Você fez o julgamento de ouvir ao ego, o qual você passa adiante como se não tivesse nada a ver com você. Quer esteja falando de fatos perceptuais ou físicos, estará separando e limitando a Filiação. Não fazer exceções à sua avaliação é um guia útil que o capacita a não levar nada do que você ou qualquer outra pessoa pense a sério.

Não importa se você ataca, elogia, ou dá significado espiritual às limitações – suas ou de qualquer outra pessoa. Especialismo é especialismo. Sempre que você faz uma avaliação de uma limitação, que não abarca toda a Filiação, isso é do ego e vai apenas produzir ainda mais pensamentos do ego. A atitude estóica que Epíteto forjou era a equanimidade e a paz, não importando o que acontecesse a ele, a mesma visão que Jesus mantém para nós: para estarmos em paz não importando o que aconteça ao nosso redor. Algo funciona ou não; uma carta ou telefonema antecipado, um cheque que chega ou não chega, uma pessoa que você ama diz sim ou não – quando você está em sua mente certa, nada disso tem qualquer efeito sobre sua paz.

Nossa situação é como irmos para a sala de aula pela manhã e perguntarmos ao professor: “Jesus, o que vou aprender hoje?”. Ele responde que sempre aprendemos a mesma coisa – tudo o que jamais precisamos saber -, e que as formas nas quais o aprendizado acontece são irrelevantes. O que eu aprendi ontem? O que vou aprender hoje e amanhã? *Perdão.* Uma lição pode acontecer em relação ao meu corpo, outra com o seu, ou o de uma figura pública. É irrelevante o que o dia de hoje nos traz – e ele nos traz apenas o roteiro inconsciente da mente, pois nós escrevemos o currículo – porque o conteúdo das lições é o mesmo. Embora partindo de diferentes premissas metafísicas, Epíteto e Jesus encorajam a mesma equanimidade.

Quer você encontre alguém que esteja expressando amor ou pedindo por ele – não importando a forma -, sua resposta permanece sendo o amor. Mesmo que o pedido de amor assuma uma forma de ataque ou abuso, o conteúdo da mente certa da sua resposta é o mesmo. A lição é que a forma não faz diferença, e esse é o significado da oração de Ano Novo de Jesus, no final do Capítulo 15: *“Torne esse ano diferente, fazendo com que seja o mesmo”* (T-15.XI.10:11). Nós tornamos esse ano diferente de todos os outros por fazermos com que tudo – esse ano e todos os outros – seja o mesmo, o que significa que as respostas da mente a todas as situações são uma, pois seu propósito da mente certa é um.

Tudo que acontece em sua vida carrega a mesma lição: ver uma sombra como uma sombra, não como a realidade. Se você a vir como uma sombra, não irá reagir a ela, no sentido de lhe dar poder de tirar sua paz. Se você vir alguém mais reagindo à sombra, significando que aquela pessoa está confundindo aparência com realidade, sombra com verdade, sua resposta simplesmente será – *em conteúdo, não necessariamente em forma* – mostrar que a sombra não tem efeito sobre seu amor e sua paz. Portanto, não importando o que a crença daquela pessoa em sombras está fazendo com seu corpo ou com os corpos daqueles com quem você se identifica, sua resposta ainda será amorosa e pacífica. Essa resposta de amor e paz – *pensamentos na sua mente* – vai tomar qualquer forma que for mais útil. A forma é irrelevante, assim como apenas o conteúdo é importante. Isso torna sua vida simples e consistente, porque não importa o que é feito ao seu redor. Você ainda estará em paz.

Nesse estado mental, a única resposta sã a uma sombra de limitação é olhar além dela, para a luz. Cada sombra, para parafrasear *Um Curso em Milagres,* é um pedido de luz que tem sido negado; cada ataque é uma expressão de medo, que em si mesmo é um pedido de amor.

Quando essa é sua percepção – a verdadeira percepção do Espírito Santo, ou a visão de Cristo – nada aqui vai afetá-lo. Ou você vai ver as pessoas como expressando a luz, ou sendo aprisionadas nas sombras que pedem pela luz. Não importando o que aconteça, você deixa que a luz na sua mente brilhe, em qualquer forma que for mais útil.

É importante manter em mente que a regra indicativa acima se aplica apenas ao *conteúdo*, não à *forma*. Você certamente pode fazer afirmações sobre as formas das pessoas que não são verdadeiras para todos – nem todos são homens ou mulheres, por exemplo. As pessoas diferem em seus olhos, peles, cor de cabelo, para não dizer personalidades. Nosso comportamento claramente difere também: alguns estão lendo esse livro sentados a uma escrivaninha, sentados em uma poltrona, deitados na cama, ou caminhando. Todos esses são fatos perceptuais dentro do universo perceptual, mas não têm nada a ver com qualquer coisa real. É só o conteúdo que é significativo, pois todos lendo esse livro – na verdade, todos no mundo – têm uma mente errada, uma mente certa, e um tomador de decisões que escolhe entre as duas. Essa é a única afirmação verdadeira que podemos fazer dentro do mundo de ilusões.

Você precisa perceber como responde à forma como se ela fosse o conteúdo, como se fosse realidade. Isso não é para dizer que você não deveria ter um ponto de vista – político, ético, religioso, etc. Simplesmente significa que você não deixa esse ponto de vista assumir o poder de acentuar diferenças e separação. Ter um ponto de vista é simplesmente um aspecto do mundo sombrio do julgamento e distinções no qual habitamos. Tente não se esquecer de que o mundo de separação começou quando rotulamos a diminuta e louca idéia de pecado, e não pensamos mais nela como uma sombra, transformando-a em algo mau, desempenhado por um malfeitor que tinha que ser punido. Uma vez que nós, como um Filho, levamos o pensamento impossível a sério, já tínhamos partido e estávamos correndo, e continuamos a correr desde então – para o inferno, e ainda mais para dentro de suas profundezas de desespero e morte.

Por causa da resposta do nosso ego, Jesus nos pede para mudarmos nossa percepção de vermos o mundo como uma prisão para vê-lo como uma sala de aula, na qual olhamos para as manifestações da diminuta e louca idéia – tudo no mundo – e as consideramos apenas como sombras de uma ilusão. No entanto, sombras são apenas falta de luz, e precisamos nos tornar conscientes da dor de vivermos em um mundo que é a ausência de luz, verdade e amor. Essa dor eventualmente vai nos levar a declarar: “Não quero viver na escuridão, mas na luz. Não quero permanecer um prisioneiro na caverna de Platão e olhar apenas para as imagens de sombras na parede, mas, ao invés disso, quero olhar para a luz da verdade”. Nós não podemos saber que existe uma luz, no entanto, até primeiro sermos instruídos por nosso novo professor de que o que estamos percebendo como real é apenas uma sombra. Quando julgamos a limitação – a diminuta e louca idéia – dizendo que ela é uma realidade que é boa ou má, julgamos Deus e rejeitamos Sua perfeita Unicidade. Jesus continuamente nos lembra de que o amor especial e o ódio especial são o mesmo – quer amemos ou odiemos algo, ainda é algo. No minuto em que sentimos uma carga sobre nós sobre qualquer coisa ou qualquer pessoa, essa é a bandeira vermelha que deveria nos fazer parar e voltar para a mente, dizendo a Jesus: “Por favor, ajude-me. Eu fiquei preso de novo na sombra, acreditando que ela é a realidade”.

Um Curso em Milagres nos ajuda a entender por que ficamos presos na sombra e acreditamos que ela é real: Não queremos ouvir que o ser que passamos tantos anos cultivando e defendendo é uma ilusão. Queremos que nos seja dito que ele é uma substância real, e, além disso, é uma substância que foi provocada por outra coisa – a causa da nossa infelicidade e angústia. Com cada fibra do nosso ser egóico, nós resistimos ao aprendizado de que somos sombras e que todas as aparentes limitações no mundo são sombras também. Seus defeitos, falhas, pecados, equívocos e coisas que as pessoas fazem de que gostamos ou não gostamos são simplesmente sombras que têm a mesma causa: a ausência de luz. Como estudantes de Jesus, nós aprendemos que a resposta para as sombras é a luz, a resposta ao ataque é o amor, a resposta à separação é a Expiação – e ele é nossa resposta ao ego.

Uma vez que você compreenda o princípio, passará o resto da sua vida colocando-o em prática. Dia após dia, você se tornará consciente de como ficou preso nas armadilhas sombrias do ego, como seus sentimentos foram exacerbados aparentemente além do seu controle, pelo que acaba sendo simplesmente sombras de ilusões. Quando você fica transtornado em relação a uma situação, no entanto, ela não é mais vista como uma sombra, pois você se torna acorrentado na caverna de ignorância de Platão mais uma vez, e tudo o que vê são as figuras na parede. Pelo fato de não ver nada mais, você acredita que essas sombras são a realidade, e depois você as julga – algumas são altas, outras baixas; de algumas você gosta, de outras não. Como eu disse acima, no entanto, qualquer coisa que você diga sobre uma pessoa que não possa ser generalizada para toda a Filiação é uma ilusão e, portanto, um ataque. No entanto, isso não envolve *forma*. Não negue o que seus olhos físicos vêem, mas deixe Jesus ensiná-lo a não levar o que eles vêem a sério. Como já mencionei, o Curso diz várias vezes – de forma implícita e explícita – que nossos olhos não vêem. Lembrarmo-nos disso nos ajuda a não levarmos a sério qualquer coisa que nossos olhos vêem, nossos ouvidos ouvem, ou nossos cérebros interpretam.

Com certeza, quando você assiste ao noticiário, é muito difícil não ter uma reação diante do que acontece, quer esteja acontecendo em Washington, no Oriente Médio ou na África. No entanto, eu novamente não estou falando sobre um ponto de vista, mas sobre uma reação emocional que interrompe sua paz. Isso deveria ajudá-lo a perceber que você não quer sair da caverna de Platão, mas deseja permanecer lá, com alguma outra pessoa como o agente aprisionador, segurando a chave que iria abrir as correntes de culpa. Seu dia, portanto, deveria ser uma sala de aula na qual Jesus o ensina a redefinir limitações – suas limitações pessoais, assim como as daqueles que estão ao seu redor. O que você vê são meras sombras. Suas formas são legião, mas todas elas têm o mesmo conteúdo ilusório.

A Lição 161 fala desse princípio de generalização, reconhecendo a dificuldade tanto em compreender que somos um, quanto em aplicar essa visão às nossas vidas diárias. Com grande clareza, Jesus nos diz a verdade – somos todos um -, e, ao mesmo tempo, nos ajuda a aplicá-la com gentileza e paciência. Essa combinação de afirmações não ambíguas da verdade, e, ainda assim, sua aplicação benigna e gentil, é um dos aspectos do *Um Curso em Milagres* que o torna único entre as espiritualidades do mundo. Aqui está a passagem:

> *Um irmão é todos os irmãos. Cada mente contém todas as mentes, pois todas as mentes são uma só. Tal é a verdade. Mas estes pensamentos fazem com que o significado da criação fique claro? Estas palavras trazem com elas perfeita clareza para ti? O que podem aparentar ser senão sons vazios, belos talvez, corretos em sentimento, mas fundamentalmente incompreendidos e incompreensíveis. A mente que ensinou a si mesma a pensar de modo específico não pode mais apreender a abstração no sentido de que ela abrange todas as coisas. Precisamos ver um pouco para aprendermos muito* (LE-pI.161.4).

Jesus começa com uma das idéias metafísicas centrais em seu curso – uma mente é todas as mentes -, e depois continua para nos dizer que não temos idéia do que ele está falando: palavras e sentimentos adoráveis, mas sem significado para nós por causa da barreira de necessidades e exigências que se impingem a nós – corpos tendo que lidar com outros corpos. Acima de tudo, somos criaturas específicas, de que Jesus fala nos dois parágrafos anteriores dessa lição. A não-especificidade é a condição natural da mente (2:1), ele disse: mas é essencialmente irrelevante para nossa experiência como corpos específicos, com personalidades específicas, membros de raças, religiões, culturas e nacionalidades específicas, praticando espiritualidades e religiões específicas. Além disso, nós realmente acreditamos que existe um Jesus cuja mente é separada das nossas e fala conosco. Como, então, poderia ter a possibilidade de conhecer a natureza da unicidade? Nosso entendimento mais próximo vem em percebermos que compartilhamos um propósito, pois compartilhamos a mesma insanidade e necessidade de sermos curados dela. *Isso* podemos ser ensinados a entender.

Jesus conclui esse parágrafo com as palavras *"precisamos ver um pouco para aprendermos muito"*, o que exemplifica a gentileza da sua abordagem. Ele nos coloca no caminho no qual acreditamos estar – em nossos relacionamentos específicos (leia-se: especiais). Meu corpo específico está em um relacionamento específico com o seu, e Jesus me ensina que o que acontece entre nós não tem nada a ver *conosco*, o relacionamento sendo uma projeção da decisão da mente: meu relacionamento especial com você espelha meu relacionamento especial com o meu ego. Eu primeiro percebo que isso é verdadeiro com você, e depois percebo que também é verdadeiro com os outros – na realidade, é verdadeiro com todos. Conforme eu pratico com as "pequenas" especificidades e aprendo a generalizar, chego a aprender "muito".

Isso significa especificamente que eu reconheço que você e eu compartilhamos o mesmo propósito. Cada um de nós pede desesperadamente para que seja provado que está errado sobre nosso pensamento insano. Em algum lugar dentro de mim, existe um pensamento de sanidade, mas não posso atingi-lo se você primeiro não me atacar e me fizer sentir culpado. Isso eventualmente leva à minha escolha contra minha culpa, que sua projeção revelou para mim. Portanto, você se tornou um instrumento para me apontar a direção dessa sanidade, assim como eu o faço para você. Todos nós andamos por aí com a mesma súplica: "Por favor, mostre-me que existe esperança, mostrando-me que estou errado".

Seu ataque me mostra isso, e eu demonstro a esperança não o atacando de volta, nem vendo defensivamente meus interesses como separados dos seus. Na extensão em que puder ser sem defesas, vou representar o pensamento de sanidade que está nas mentes de todos. Esse é o ponto de Jesus, dizendo a nós, com efeito: "A sanidade na minha mente está na sua também" – o significado da afirmação de que estávamos com ele quando ele ascendeu (ET-6.5:5). Quando ele despertou do sonho da morte – não tendo nada a ver com a ressurreição física -, estávamos com ele porque uma mente é todas as mentes; cada mente contém todas. Isso significa que se a mente de Jesus está curada, a nossa também está. O problema é que nós não aceitamos a cura que está lá. No entanto, na extensão em que permitirmos que Jesus olhe para nosso ego conosco, que esteja presente em nossas mentes, vamos começar a pensar como ele, nos tornando cada vez mais como ele em benignidade e amor. E então, sua própria presença de luz – simplesmente por estar lá, sem fazer ou dizer qualquer coisa – é o que continuamente nos chama para sairmos da escuridão com ele, trazendo nossos irmãos conosco através do nosso perdão.

P: Se eu reagir a uma limitação, mas ver isso no ato, é produtivo apenas perceber que estive equivocado em relação a quem sou? Seria suficiente entregar isso ao tomador de decisões, em oposição ao corpo?

R: A resposta é "sim"; mas uma parte importante desse "sim" é perceber *por que* você tornou a limitação real. Você precisa aceitar que existe um propósito por trás da sua loucura, para recordar a famosa linha de *Hamlet*. O método em sua loucura ao escolher a limitação é o que o mantém aqui, enquanto culpa alguma outra pessoa por ela. Você precisa entender – de outra forma, esse processo nunca vai funcionar – que escolher isso tem lhe custado sua felicidade: a dor de mantê-lo longe do amor que parte de você realmente quer, pois é isso o que você é. Sua escolha equivocada também tem mantido você longe de Jesus, pois teme que, estando com seu amor, *você* irá desaparecer. O ponto de partida do ego é preservar o ser, tornando outra pessoa responsável pela perda do Ser. É por isso que nós temos corpos, e o motivo pelo qual os fazemos se reproduzirem da forma que fazemos – alguns outros corpos nos fizeram; nosso nascimento não foi um ato nosso.

O medo é o de que se eu entrar em contato com o fato de que fiz a mim mesmo, minha mente vai ficar esmagada pela culpa e, ao invés de olhar para dentro e escolher de forma diferente, eu torno a culpa real, a projeto, e depois vejo todos os outros como responsáveis por minha miséria. É só quando eu volto para a mente que posso reconhecer que a culpa foi uma decisão que eu tomei, testemunhando pelo meu pecado que diz que eu me separei e agora existo. A culpa, então, se torna uma das formas mais poderosas do ego se defender contra o

aprendizado de que eu *não* existo – eu não sou separado e não pequei. Nada aconteceu, pois a Unicidade de Deus e de Seu Filho permanece indivisa: um Filho é todos os Filhos – *sem exceção.*

As Limitações da Doença e do Envelhecimento

P: Uma forma de limitação é a dor física. Em meu caso, eu não consigo me sair bem por causa da minha condição, que é uma limitação ainda mais profunda. Estou ciente de que tudo isso é uma sombra ou uma limitação, e que apenas parece induzir a culpa, o que parece acelerar a dor física[4].

R: Uma das áreas com as quais os estudantes do *Um Curso em Milagres* têm a maior dificuldade é a doença. Por um lado, é útil saber que a mente torna o corpo doente. No nível prático, que é onde sempre deveríamos começar, pense em nosso amigo Epíteto e simplesmente aceite que seu corpo é doente. Conforme envelhecemos, nós quase inevitavelmente nos tornamos mais enfermos, e claramente não podemos fazer o que fazíamos trinta, quarenta ou cinqüenta anos antes. Quando você está doente, portanto, faça o que puder para minimizar a dor; mas você pode fazer isso tanto em paz e equilíbrio, quanto com raiva, ressentimento e culpa. O ponto não é você se focalizar em ter um corpo perfeito, nem em crucificar a si mesmo por estar envelhecendo. Em tantas palavras, a resposta é que você não deveria ficar transtornado. Ao lidar com o seu corpo o melhor que puder, ao mesmo tempo, observe suas reações, e veja se você reage de forma calma, dizendo: "Meu corpo está com dor hoje, e existem várias coisas que eu deveria fazer sobre isso". E depois continue, mas em paz, ao invés de com agitação, ansiedade ou raiva.

A última coisa que você quer é bater em si mesmo com um julgamento aparentemente baseado no *Um Curso em Milagres*: "A doença é uma defesa contra a verdade, e eu sou uma pessoa terrível porque estou me defendendo contra ela". Tudo o que você faz então, é estabelecer uma hierarquia de ilusões. Sim, sua doença é uma defesa contra a verdade, mas assim também é respirar ou ver através dos seus olhos. Não *existe* hierarquia de ilusões, apesar da primeira lei do caos do ego. O primeiro princípio dos milagres – *"Não há ordem de dificuldade em milagres"* (T-1.I.1:1) – ensina que toda ilusão é a mesma. Os primeiros princípios do ego e do Espírito Santo são as fundações para seus respectivos sistemas de pensamento. As outras quatro leis do caos derivam da primeira, e, se você entendesse o primeiro princípio dos milagres, não teria que ler os outros quarenta e nove, nem o resto do texto. Você teria dispensado o livro de exercícios também, porque o primeiro princípio contém todo o sistema de pensamento do Espírito Santo – tudo é uma ilusão: uma sombra é uma sombra, é uma sombra.

Se você se sentir tentado a julgar a si mesmo por ter problemas em conseguir sair da cama pela manhã, não transforme isso em uma exceção; lembre a si mesmo: "Eu então também deveria me sentir culpado por estar respirando". Isso é verdadeiro para todos. Talvez nem todos estejam tendo o mesmo problema em sair da cama, mas essa é apenas a forma. Todos aqui pensam que são um corpo, o que significa que todos aqui estão tentando limitar o amor. Sua condição física é apenas outra expressão desse desejo secreto. Se você reconhecer seus sintomas como nada além de uma forma da diminuta e louca idéia, vai perceber que sua escolha não é entre sentir dor ou não. A questão é se você vai olhar para a dor através dos olhos do ego, o que leva você a maximizar sua importância, ou através dos olhos do Espírito Santo, que leva você a vê-la como a lição do dia, e talvez, uma para o resto da sua vida. Seu único foco deveria estar em qual professor você vai convidar para sua mente: aquele que vai tornar a sombra real – culpa e julgamento sempre fazem isso -, ou o professor que vai ajudá-lo a perceber que isso é uma sombra que não tem efeito na paz de Deus dentro de você. Perdoando o equívoco de escolher as limitações do ego, aprendemos a perdoar a tudo e a todos – *sem exceção.*

[4] Esse tópico também é discutido em *Liberando o Julgamento,* Volume I de *O Poder Curativo da Benignidade.*

Lembre-se de que a segunda metade da Introdução do livro de exercícios fala sobre generalizar o que você aprendeu em qualquer lição sobre sua sombra particular de limitação a todos os relacionamentos e circunstâncias nas quais se encontra. Não apenas é verdade que é uma mentira dizer algo sobre uma pessoa que não seja verdadeiro sobre todos, mas também é parte do sistema de pensamento ilusório do ego dizer algo sobre uma circunstância, que você não possa generalizar a todas as circunstâncias. Uma doença grave não é diferente de uma leve; uma discordância de sua esposa não é diferente de estar à beira da III Guerra Mundial – o conteúdo permanece o mesmo. Não faz diferença a aparência que tem. Um vezes zero não é diferente, no final, de cem vezes zero. Quantas vezes você vai multiplicar nada, pensando que vai conseguir uma resposta que significa algo? E então, se você não olhar para a situação de qualquer pessoa da maneira que iria olhar para todas elas, saberá que terá novamente escolhido o ego, porque está vendo distinções. Tendo visto a diferenciação, você tornou a separação real, significando que você tornou as sombras da limitação reais e não pode, então, estar livre delas.

P: Ao envelhecermos, nossos corpos parecem falhar conosco, e entendo que é realmente a minha mente que está fazendo isso. Mas como o meu tomador de decisões escolhe a forma da dor crescente conforme envelheço?

R: Isso estabelece que somos vítimas do envelhecimento do corpo – outra forma de tornar o corpo real. Não olhe para seu corpo em processo de envelhecimento de forma em nada diferente do que você olharia para qualquer outra questão em sua vida. Essa é só outra forma de adoração ao corpo, um exemplo de como o ego inventou um mundo de limitações como uma forma de dizer que você é um prisioneiro dessas sombras, o que as torna reais para nós. Envelhecer é apenas um fato no sonho. Você pode estar em paz mesmo quando seu corpo não funciona da forma que funcionava muitos anos antes. Você simplesmente diz para si mesmo: “Meu corpo está decaindo, mas é apenas um fato dentro do sonho; mas o que isso tem a ver com a minha paz interior?”. Essa é a lição. Em princípio, é claro, a pessoa poderia viver até uma idade avançada sem qualquer deterioração e enfermidade, mas o fato de fazer isso não traz nenhum bem nem mal. Tente resistir à tentação de julgar de acordo com a forma. Algumas pessoas vão envelhecer mais graciosamente do que outras. A armadilha está em julgar o *conteúdo* pela *forma*, pois você não sabe onde essa sombra em particular se encaixa no caminho maior de Expiação da pessoa. Você não pode saber suas lições no nível da *forma*, mas pode, e realmente sabe o *conteúdo* das lições de todos, pois é o mesmo das suas.

P: Parece que estamos vivendo em uma cultura que vira suas costas para as pessoas idosas – não querendo lidar com elas, nem olhar para a morte. Quando você estava falando sobre aceitação, eu estava pensando o quanto é muito mais fácil simplesmente dizermos: “Bem, é isso o que acontece. As pessoas envelhecem, têm arritmia, arranjam andadores, tomam pílulas, morrem. Qual é o grande problema?”. Mas existe um luta imensa em mim; não quero olhar para isso.

R: O que você descreve são as pessoas tornando o corpo real, e, portanto, seu destino é tão terrível que elas ficam agoniadas em relação a isso ou simplesmente o negam. No entanto, tudo isso é baseado na idéia de que a vida no corpo é realmente vida, e o que acontece a ele é importante. Uma vez que o ego nos diz que somos o corpo e precisamos manter nossa existência, preservar o corpo passa a ter valor. Como *Um Curso em Milagres* enfatiza, a morte é um dos pensamentos centrais no sistema do ego (MP-27.1:1), porque se a morte é real, a vida obviamente também tem que ser. Se isso é assim, então, a vida de Deus não é real. A morte do corpo, portanto, prova sua realidade, sem mencionar o sistema de pensamento que deu origem a ele. Uma vez que você tornou o corpo real, não pode vencer, porque ou vai ficar preocupado sobre ele ou vai negá-lo. De uma forma ou de outra, o corpo é o palco central – como está descrito em “O ‘herói’ do sonho” (T-27.VIII), onde o corpo é o herói de cada sonho que o mundo já teve.

Dada essa insanidade, é mais são e muito mais útil aceitar o que acontece: os corpos realmente envelhecem, e as coisas dão errado aqui. Você toma conta do corpo, pois é tolo ficar com dor quando não é necessário. No entanto, seu foco não deveria estar em preservar o corpo, como é visto hoje na ênfase excessiva colocada em viver mais. Essa busca para prolongar a vida é absurda quando você dá um passo atrás com Jesus e reconhece que o corpo é apenas uma sala de aula, sem significado fora do propósito da mente. Portanto, observe com benignidade e gentileza como fica preso no sistema do ego de novo e de novo. Quando você está em sua mente certa, o corpo deixa de ser uma preocupação. Ele está lá, com certeza, e você toma conta dele até estar pronto para liberá-lo, quando ele morre. No entanto, esse não é o fim da mente ou do seu caminho de Expiação – apenas o fim desse segmento particular do sonho. Viver mais dez, vinte ou trinta anos não é nada, pois você pode aprender a lição em um dia ou em um minuto. Novamente, você meramente observa sua identificação corporal, que é realmente uma identificação egóica. Quando as preocupações com seu corpo ou os corpos dos seres amados surgem, reconheça que essas preocupações não são o que você pensa. Faça com elas exatamente o que você faria com qualquer outra coisa, mas olhe com Jesus para o que o seu ego está fazendo. A preocupação com o corpo é a número um na lista do ego, por causa da sua defesa primária – o lar do relacionamento especial no qual as dinâmicas da mente são encenadas, embora estejamos inconscientes da sua existência.

E então, faça qualquer coisa que parecer certa em relação ao seu corpo, mas observe sua obsessão em relação a ele, percebendo que isso não é sobre o que você pensa – sua idade ou doença -, mas sobre qualquer coisa que iria distraí-lo de se lembrar que você é uma mente tomadora de decisões. Continue a se sentir obcecado, e não lute contra isso nem o ignore, mas dê um passo atrás e reconheça o que realmente é e de onde está vindo. Só então o seu corpo poderá servir ao propósito de cura que Jesus deu a ele, os meios através do quais ele nos leva para casa pelo perdão – nossa função especial.

4. “A função especial”:
O desvio que nos leva para casa

Nossa conversa anterior esclarece a determinação do evangelho de que deveríamos estar *no* mundo, mas não ser *dele*, o que vai ao cerne da mensagem do *Um Curso em Milagres*. Não somos solicitados a negar o que acontece no mundo, nem o que pensamos, sentimos, vemos ou ouvimos, mas apenas para olharmos de forma diferente para essas percepções sensórias. Afinal, o *milagre* que empresta seu nome a esse curso é uma mudança de percepção. Quando Jesus fala sobre olhar através da visão de Cristo, ele se refere a um sistema de pensamento que nós escolhemos em nossas mentes. De fato, tudo está em nossas mentes, uma vez que *idéias não deixam sua fonte*. O ego, portanto, vê o mundo em termos de sua relevância para reforçar o julgamento e em afirmar as limitações em nós mesmos e nos outros – como único propósito de provar que somos diferentes uns dos outros, assim como nos tornamos diferentes de Deus na separação. Isso não tem nada a ver com o que nossos olhos vêem, mas, ao invés disso, com a forma com que interpretamos o que vemos. No Curso, *percepção* significa interpretação, e Jesus nos ensina que o problema não foi a diminuta e louca idéia, mas a forma com que a percebemos, escolhendo a visão do ego ao invés da do Espírito Santo. A escolha que tivemos então é a escolha que temos agora, porque não existe “então” e “agora” na mente. O tempo linear existe apenas na imagem projetada de um mundo de pecado, culpa e medo – passado, presente e futuro. Na mente, eles são um:

> *A cada dia e em cada minuto de cada dia e em cada instante que cada minuto contém, tu apenas revives o único instante em que o tempo do terror tomou o lugar do amor... Assim é cada vida: um aparente intervalo do nascimento à morte e mais uma vez à vida, uma repetição de um instante que se foi há muito e que não pode ser revivido. E tudo o que existe do tempo não passa da crença louca segundo a qual o que passou ainda está aqui agora* (T-26.V.13:1-3,5-10).

No início, nós – o Filho único de Deus – tivemos uma escolha entre duas formas mutuamente excludentes de perceber a diminuta e louca idéia: através dos olhos do julgamento (pecado) ou da Expiação (perdão); a última não vê nada para perdoar porque nada aconteceu – a diminuta e louca idéia era uma impossibilidade. É esse princípio que somos solicitados a levar para nossas experiências diárias que constituem nosso sonho. O milagre nos tira da forma de olhar do ego, que percebe interesses separados: você e eu estamos em guerra, resultando em um vencedor e um perdedor. Isso bloqueia a correção do Espírito Santo: a visão da mente certa de que compartilhamos os mesmos interesses. Para reafirmar a regra indicativa que discutimos acima, tente nunca fazer um julgamento sobre uma pessoa – em *conteúdo*, não em *forma* – que não se aplique a todas. A percepção do Espírito Santo, ou a visão de Cristo, vê todos como o mesmo, não importando as diferenças em aparência.

Já citei uma afirmação do Curso de que o que o ego fez para ferir, o Espírito Santo usa para curar. As próprias limitações que fizemos para provar que Deus estava errado e nós certos – na verdade, que existimos e o verdadeiro Deus é inexistente – se tornam a própria coisa que Jesus usa para nos levar para casa. Quando escolhemos o ego ao invés do Espírito Santo, estabelecemos nosso próprio reino e embarcamos em uma longa e horrenda jornada à qual o Curso se refere como a escada que a separação nos fez descer (T-28.III.1), ou o curso louco para a insanidade (T-18.I.7:6). Essa jornada, então, se torna os meios, quando mudamos de professor, para despertarmos do sonho. Olhar por essa perspectiva vai nos ajudar a evitar julgarmos a nós mesmos e aos outros pelas coisas tolas que fazemos. Lembre-se de que compartilhamos a mesma insanidade e crueldade, e então, as próprias coisas que fizemos para atacar Deus, negar Sua realidade e estabelecer a nossa própria em seu lugar, se tornam santas – não em si mesmas, mas porque convidar um Professor diferente para a sala de aulas de nossas vidas permite que elas sirvam a um propósito santo. Na percepção do Espírito Santo, tudo aqui, não importando onde esteja colocado no continuum de bem e mal da

sociedade, é visto como um desvio – um caminho indireto para voltarmos ao Céu. Na verdade, cada caminho, relacionamento ou roteiro que escrevemos vai um dia nos levar para casa, se nós escolhermos o Guia certo. Afinal, desvios que nos confrontam quando estamos dirigindo realmente nos levam ao nosso destino, se seguirmos os sinais que nos conduzem através do problema, da mesma forma, nossos relacionamentos especiais vão nos levar ao nosso destino espiritual se seguirmos as placas de perdão que Jesus ilumina para nos ajudar a orientar nosso caminho através do problema das limitações.

Esses desvios, com efeito, constituem os contornos das nossas vidas. A única diferença é que, antes, nos afastamos do Céu, e agora revertemos nosso curso – literalmente, escolhemos um *curso* diferente – e subimos a escada que a separação nos levou a descer. Para nos certificarmos, esse é um desvio porque não é uma rota direta; como poderia ser quando nosso medo de voltar é tão grande? É por isso que Jesus nos conforta: *"Não tenhas medo de ser abruptamente erguido e jogado na realidade"* (T-16.VI.8:1-2). Depois, no texto, ele diz para não passarmos diretamente dos pesadelos para a realidade, mas para nos movermos através de vários degraus chamados de sonhos felizes ou gentis (T-20.VIII.10; T-27.VII.13). Esses são os desvios dos nossos relacionamentos especiais, mas abençoados com o propósito de perdão do Espírito Santo. No final, uma vez que o tempo e o espaço são uma ilusão, não faz diferença quanto tempo levamos para voltar para casa, ou o quanto nos desviamos da rota. Quando chegarmos, o tapete do tempo – nossos desvios – vai se enrolar por trás de nós e desaparecer (T-13.I.3:5): *"O resultado é tão certo quanto Deus"* (T-2.III.3:10).

Uma vez que as limitações e deficiências que construímos no ser egóico se tornam os contornos que moldam a direção da nossa volta para casa, julgá-las – matá-las de fome através de diversas formas de asceticismo ou abuso, ou ridicularizar a nós mesmos ou aos outros – só coloca obstáculos na estrada, que sabotam nosso caminho. Seria como se nós deliberadamente fizéssemos buracos na estrada para arranjarmos um pneu furado – retardando o veículo que vai nos levar ao nosso destino. E então, não somos solicitados nesse curso a desistirmos de nossos relacionamentos especiais, deficiências ou defeitos – *apenas a darmos a eles um propósito diferente.* As próprias coisas que nos trouxeram tanta dor se tornam os meios que nos levam além dela.

O que é necessário é que dispensemos o ego como nosso professor. Duas linhas separadas no Curso ficam ótimas quando colocadas juntas: *"Renuncia agora mesmo ao cargo de teu próprio professor, pois foste muito mal ensinado"* (T-12.V.8:3; T-28.I.7:1). Nós renunciamos primeiro demitindo o ego e trazendo o Espírito Santo. Ele não muda nossas vidas, no entanto, como é explicado em *"Mudanças são necessárias na situação de vida dos professores de Deus?"* (MP-9), pois apenas a mudança interior – do ego para o Espírito Santo – é importante. Jesus nos diz no texto que o Espírito Santo não tira de nós o relacionamento especial, mas o transforma (e.g., T-21.III.6:1-4). Em outras palavras, não mandamos embora nossos esposos ou parceiros porque não são estudantes do *Um Curso em Milagres*! Nem isso significa necessariamente que vamos continuar com o relacionamento, mas é sábio estar atento à necessidade de fazer mudanças externas, forçando-as em nós mesmos ou nos outros. O Espírito Santo transforma o relacionamento especial por mudar seu propósito, não necessariamente sua forma: o que nós fizemos para ferir Ele agora usa para curar – *a função especial.*

Novamente, a vida que você julga como um fracasso horrível pode ser o próprio meio que Jesus usa para levá-lo para casa. O que poderia ser mais santo? Sua vida de especialismo – culpa, ódio e dor – se torna o caminho feliz que vai levá-lo à paz. Na extensão em que você julgar, atacar, criticar ou definhar por causa da culpa, estará se impedindo de atingir esse objetivo. Isso não significa que sua vida em si mesma seja santa, mas também não significa que seja profana. A verdade é que sua vida não é nada, pois é o seu propósito que provê todo o significado – o *conteúdo*, não a *forma*. Uma vez que todos vêm a esse mundo com limitações inventadas como a escolha contra a natureza ilimitada do Amor de Deus, somos todos insanos.

Além disso, assim como não existe hierarquia de ilusões, não pode haver hierarquia de limitações ou insanidade. Qualquer um que acredite que está aqui está doente e obviamente limitado. Aceitar essa premissa significa que você não será tentado a usar o sofrimento – seu

ou dos outros – para provar a realidade da separação. Mesmo se o fizer, pelo menos reconhecerá seus motivos. O ego o faria tomar partidos e julgar hierarquicamente, mas Jesus pede que você veja seus julgamentos como uma sala de aula, o currículo a partir do qual ele vai ensinar que todos são o mesmo em conteúdo.

Para nos certificarmos, no mundo dos sonhos, existem graus. Algumas pessoas são mais cruéis ou mais legais do que outras; algumas estão mais acima na escada espiritual. No entanto, quando você fica fora do sonho, acima do campo de batalha, percebe que não existe hierarquia. Quer você esteja no início ou no topo de escada, ainda estará em uma ilusão. E então, não existe ordem dentro dos sistemas de pensamento da mente errada e da mente certa: o ego é cem por cento ódio; o Espírito Santo é cem por cento amor. É nosso ir e vir entre esses dois que provê a experiência temporal de graduação e processo. Pelo fato de termos fragmentado o mesmo pensamento, todos têm a mesma mente dividida: um pensamento de ódio e culpa, um pensamento de perdão e amor, e o poder de escolher entre eles. Isso provê uma visão radicalmente diferente sobre si mesmo e todos os outros, e não existe julgamento inerente a essa visão; não tentamos provar que os outros estão errados. Eles podem, na verdade, estar errados na forma, mas suas mentes certas nunca estão. Uma vez que a injustiça não tem hierarquia, qual é o problema?

Em qualquer momento em que formos indulgentes com a comparação, ouvimos o ego. No início, fizemos a comparação original: nosso amor é melhor do que o amor de Deus, pois ele reconhece nossa individualidade, especialismo e singularidade, o que o Amor de Deus não faz. Nosso Criador, no entanto, nem mesmo sabe nada sobre nosso amor, porque o amor não faz comparações (T-24.II.1:1). Essa idéia de não fazer comparações é o objetivo da nossa jornada. Uma vez que Deus não sabe nada sobre qualquer coisa fora Dele – não *existe* nada fora Dele -, Ele não sabe absolutamente nada sobre o sonho. Jesus, que representa a parte da Filiação fragmentada que despertou, sabe que nada aconteceu também. Ele não faz comparações entre seus irmãos porque reconhece nossa insanidade e sanidade comuns. A função de Jesus é nos ajudar a ver essa igualdade inerente dentro da Filiação, para que possamos escolher como ele fez, para olharmos para a insanidade da separação e retirarmos nossa crença nela. Ele nos ensina a considerarmos nossas tendências de comparar, encontrar falhar e tornar as sombras das limitações reais, como seus meios de nos ajudar a percebermos que essa é a estratégia do ego para nos confundir em relação à verdade de que nos separamos como um Filho e, portanto, vamos voltar como um. A implicação desse ensinamento é a de que quando a mente de qualquer fragmento é curada, a Filiação como um todo é curada: a mente do Filho de Deus é uma.

Essa unicidade não é compreensível do campo de batalha, mas apenas de acima dele, a fonte desse curso. Seu conteúdo – a sabedoria amorosa que vem através de cada página – está fora do sonho, no entanto, é expressa dentro dele, em símbolos que podemos aceitar, entender e com os quais podemos aprender. Jesus nos convida a esse lugar de paz acima do campo de batalha, onde juntos podemos olhar para o mundo da perspectiva de que todos aqui são insanos e limitados – nascer, respirar, simplesmente estar em um corpo são expressões da limitação inerente à insanidade da separação. Por que deveríamos enfatizar uma forma particular de limitação, quando compartilhamos o único pensamento que contém a todas?

Essa abordagem nos ajuda a nos tornarmos mais tolerantes, gentis e compreensivos, pois vemos a dor de todos e nunca podemos julgar aqueles a quem compreendemos. A dor por trás de suas ações pede benignidade, não ataque. Lembrem-se da lição *"Eu me aquietarei por um instante e depois irei para casa"* (LE-pI.182). A primeira parte fala de forma tocante de como esse mundo não é o nosso lar, e de como tentamos encobrir a agonia de vagarmos em um mundo ao qual não pertencemos, sem sabermos como ir para casa. Imaginem o terror de uma criancinha que perde seus pais em uma multidão. Esse é o *nosso* terror, pois todos nós nos perdemos na multidão desse mundo físico, e acreditamos que perdemos nosso Pai ou Fonte. Nós não ouvimos a Voz que nos chama, porque, de uma forma insanamente perversa, gostamos de estar perdidos e por conta própria. Nós gostamos especialmente de que não seja nossa culpa – outros são responsáveis por nosso estado: *eles nos* perderam. Qual coração

não iria se voltar em compassiva benignidade para uma insanidade tão dolorosa, tão logo ela seja ouvida?

Nossa nova compaixão, nascida do amor de Jesus, abraça benignamente a todos que *"vagam por esse mundo incertos, solitários, e em medo constante"* (T-31.VIII.7:1). Isso inclui a todos os Filhos separados de Deus, que desesperadamente, embora de forma inútil, tentam encontrar alguma certeza ou esperança aqui. Eles estabelecem relacionamentos com outros corpos para que a solidão se vá, no entanto, o medo subjacente é que nada disso vai funcionar e Deus ainda assim vai encontrá-los e trespassá-los, matando-os. Religiões evoluíram como um caminho para encobrir a dor dessa solidão - de fato, cada *ismo* surgiu em nosso mundo para encobrir essa dor. Quando nos elevamos acima do campo de batalha e olhamos com Jesus, no entanto, nossos corações inevitavelmente abraçam a todos, porque ouvimos o grito universal de sofrimento. O vilão mais perverso do universo ainda está gritando: "Por favor, mostre-me que estou errado. Por favor, mostre-me que existe outro caminho".

O que é mais importante, então, é que olhemos de forma diferente para nossas vidas, não através dos olhos do julgamento, mas da perspectiva de uma sala de aulas na qual queremos aprender as lições que Jesus iria ensinar, reclamando nossa função especial de perdão – para nossa salvação e a salvação do mundo.

Nós agora nos voltamos para os trechos da seção chamada *"A função especial"*, e em nossa discussão, nos focalizamos na aplicação específica da função específica do perdão às nossas limitações e às dos outros. Começamos com o parágrafo 4:

(T-25.VI.4:1-2) Tal é a benigna percepção do Espírito Santo do especialismo, o uso que Ele faz do que tu fizeste para curar ao invés de ferir.

Todos nós temos um relacionamento especial com nossas limitações, uma vez que esses têm sido os elementos definidores em nossas vidas – o que lutamos para vencer, compensar, e abraçar como evidência do nosso ser vitimado e sem pecado. Nós nutrimos nossas falhas e imperfeições especiais, pois ela reforçam nossos auto-conceitos de inocência, mas sempre à custa de outros. No entanto, o Espírito Santo não desfaz esse especialismo, nem busca destruí-lo ou puni-lo. Ao invés disso, Sua benigna gentileza usa-o como um instrumento de ensino para nos levar para casa.

(T-25.VI.4:2-4) A cada um Ele dá uma função especial na salvação que só ele pode desempenhar, um papel somente dele.

Podemos entender nossa função especial como a forma na qual aprendemos a perdoar nossas limitações – funções diferentes em forma, mas com o mesmo conteúdo de perdão. Cada um de nós trilha um caminho diferente em nossa jornada, embora nossa mudança de propósito da culpa para o perdão nos una ao longo do caminho. Nós aprendemos a praticar com nossas limitações específicas, assim como com aquelas que percebemos nos outros, e gradualmente generalizamos nossas experiências para que o que aprendemos com uma, possamos aprender por todas – não existe hierarquia de limitações. Só nós mesmos somos responsáveis por nossa infelicidade, e nossa única necessidade – compartilhada com todos – é despertar do sonho de culpa e fracasso do ego. A única resposta a essa necessidade é o perdão: o único Professor com quem aprender é o Espírito Santo.

Uma vez que aprendemos que somos perdoados, essas limitações não servem mais ao propósito do ego de nos proteger do pecado na mente. Isso foi alcançado pela projeção, na qual nossas faltas e fracassos percebidos eram vistos nos outros, tornando-os responsáveis por nossa infelicidade. Reconhecendo que o conto de pecado do ego foi inventado, nós agora percebemos que nada nos separou do Amor de Deus, que sempre esteve conosco. Nossas vidas imperfeitas, portanto, não precisam mais expressar o pensamento imperfeito de separação e, conseqüentemente, desaparecem *"no nada do qual vieram"* (MP-13.1:2), junto com o sistema de pensamento de julgamento e limitação do ego.

(T-25.VI.4:4-7) Nem o plano se completa enquanto ele não encontra a sua função especial e não cumpre a parte que lhe é atribuída para fazer com que ele mesmo seja completo dentro de um mundo onde reina a incompleteza.

Esse é um mundo incompleto, imperfeito e limitado, uma vez que veio de um pensamento incompleto, imperfeito e limitado – *idéias não deixam sua fonte.* Na verdade, como pode um mundo que foi feito como um ataque a Deus, como o livro de exercícios nos diz (LE-pli.3.2:1), ser qualquer coisa além de incompleto, imperfeito e limitado, para não mencionar odioso, pesaroso, solitário e moribundo? No entanto, dentro desse mundo, ainda podemos ser completos porque existimos como uma mente, não como um corpo. Nós nos lembramos da nossa completeza unindo-nos à Voz que fala por ela, ao invés de à voz que fala pela falta, e então nos faz acreditar que a união com seu especialismo constitui a completeza.

A parte designada *a* mim foi estabelecida *por* mim. Quando fiz um roteiro de limitações e incompletude, atribuí a mim mesmo o papel de ser vitimizado por eles, incluindo aqueles que eu em última instância considero responsáveis por tudo. Ao pedir ajuda a Jesus, mantenho o mesmo roteiro de limitações, mas com um propósito diferente. Ao invés de ver a mim mesmo como uma vítima, vejo a mim mesmo como aquele que está aprendendo a perdoar, lembrando-me de que minha completeza repousa dentro da minha mente certa, independente do corpo e do sistema de pensamentos da mente errada que o fez.

(T-25.VI.5:1-3) Aqui, onde as leis de Deus não prevalecem de forma perfeita, ainda assim ele pode fazer *uma* coisa perfeita e *uma* escolha perfeita.

"Uma coisa perfeita" é perdoar, o que cumpre nossa função especial; *"uma escolha perfeita"* é escolher o Espírito Santo como nosso Professor. Na verdade, a única coisa perfeita que podemos fazer aqui é perdoar. Não podemos ter um corpo, relacionamento, emprego perfeitos – não podemos ter nada perfeito; nem podemos viver em um mundo perfeito que foi feito para *não* ser perfeito. Não podemos mudar o que o mundo é, mas podemos mudar o propósito que damos a ele. A coisa perfeita a se fazer no mundo é percebermos sua imperfeição sem julgamento. *Isso* podemos aprender a fazer – *perfeitamente.*

(T-25.VI.5:3-5) E, através deste ato de perfeita fé em alguém percebido como diferente de si mesmo, ele aprende que a dádiva foi dada a ele e, portanto, os dois têm que ser um só.

O "ato de perfeita fé" é tomado em relação a nossos parceiros de amor ou ódio especiais, a quem percebemos como diferentes de nós. No contexto do assunto desse livro, podemos ligar essa percepção a uma diferença de limitações. A forma na qual expressamos nossa função especial é pegar o relacionamento especial – nossa percepção dos outros como diferentes, não apenas em forma, mas em conteúdo -, e começar a entender, através do nosso novo Professor, que estamos errados em nossa percepção e a verdade é que todos somos semelhantes – em limitação *e* em ausência de limitação. Nossas formas podem variar radicalmente, mas aprendemos que estamos no mesmo campo de batalha – tomando posições diferentes e escolhendo armas diferentes, no entanto, sendo os mesmos. Esse é o ponto de Jesus aqui: o perdão que ofereço a você preciso oferecer a mim mesmo, porque somos um – não *você* fora da minha mente, não *eu* como um corpo fora da minha mente. No texto, Jesus nos pergunta:

> *O que aconteceria se reconhecesses que esse mundo é uma alucinação? O que aconteceria se compreendesses realmente que o inventaste? O que aconteceria se te desses conta de que aqueles que parecem perambular sobre ele, para pecar e morrer, atacar e assassinar e destruir a si mesmos são totalmente irreais? Poderias ter fé no que vês, se aceitasses isso? E queres ver isso?* T-20.VIII.7:4-10).

Se pudéssemos aceitar essa verdade sobre a ilusão, o mundo de limitação não iria nos transtornar. Não o atacaríamos ou julgaríamos, o que nos torna parte do próprio problema que estamos tentando resolver. Essa é a razão pela qual os problemas nunca são verdadeiramente resolvidos aqui, pois as pessoas que estão tentando resolvê-lo, não importando o quanto estejam bem intencionadas, terminam como aspectos do problema. Elas vêem a limitação, a imperfeição e o problema como reais, e não reconhecem sua fonte em si mesmas. A cura, sem falar em sua benignidade, as frustra totalmente.

(T-25.VI.5:5-8) O perdão é para todos.

Esse princípio é a chave para o *Um Curso em Milagres* – nossa necessidade de perdoarmos *todos* os aspectos da Filiação separada, sem exceção. No entanto, todos nós também podemos aplicá-lo à necessidade de perdoar *todas* as nossas limitações percebidas, sem exceção. Nenhuma das manchas de escuridão do ego pode ser excluída da benignidade curativa e gentil de Jesus. Na visão final do texto, Jesus diz: *"Nenhuma mancha de escuridão vai permanecer para ocultar a face de Cristo de quem quer que seja"* (T-31.VIII.12:5). *Nenhuma mancha de escuridão*! Se eu excluir qualquer limitação escurecida em mim mesmo ou nos outros, estarei escolhendo reter um pensamento de culpa – a limitação original. A visão de Jesus precisa ser estendida a todos os aspectos da ilusão, que é o que torna seu curso tão difícil. Na verdade, Jesus nos diz que para podermos aprendê-lo, precisamos questionar cada valor que mantemos (T-24.in.2:1), e isso precisa incluir os valores – positivos ou negativos – que colocamos nas limitações do ego, pois nenhum pode ser mais ou menos significativo do que qualquer outro; não existe hierarquia de ilusões. No entanto, precisamos não nos sentir culpados porque harmonizamos esses valores com as limitações do ego. Não estaríamos aqui se não estivéssemos tão inclinados a isso, e, como Jesus traduz o especialismo do pecado para a salvação, seu conteúdo foi gentilmente perdoado.

(T-25.VI.5:8-11) Mas quando ele está em todos, está completo e todas as funções desse mundo estão completas com ele. Então, o tempo não mais existe. Entretanto, enquanto ainda se está no tempo, há muito a se fazer.

Embora essa passagem ofereça uma visão do fim da jornada, quando as limitações se forem, não deveríamos insistir nisso porque ainda não estamos prontos, enquanto acreditarmos viver no tempo – o trabalho de perdão permanece para fazermos. Quando uma pessoa cumpriu sua função de perdão total das limitações, ela é cumprida para todos, uma vez que as mentes são uma. Apesar disso, os fragmentos que ainda acreditam estar aqui ainda têm que fazer essa escolha. Por essa razão, aqueles que tomaram tal decisão são úteis àqueles que ainda não o fizeram, lembrando-os da escolha que eles também podem fazer.

(T-25.VI.5:11-18) E cada um tem que fazer o que lhe cabe, pois todo o plano depende da parte de cada um. Cada um *tem* uma parte especial no tempo, pois escolheu assim e, escolhendo assim, ele a fez para si mesmo. O seu desejo não foi negado, mas mudado em sua forma, de modo que pudesse servir ao seu irmão e a ele próprio e assim vir a ser um meio de salvar em vez de perder.

As limitações especiais que escolhemos se tornam os meios pelo qual o Espírito Santo muda o conteúdo ou propósito da mente, o significado das palavras acima *"mudado em sua forma".* Não somos solicitados a liberar a limitação, mas simplesmente a aceitarmos sua forma com o benigno propósito do perdão que vai nos levar de volta para casa. A limitação ou defeito que representam para nós a crença no pecado e na culpa – a perda da nossa inocência – se torna os meios da nossa salvação. A limitação que fizemos para ferir é agora a forma de nos salvar da nossa escolha errônea. O propósito de especialismo do ego, por outro lado, é nos manter distantes de casa o quanto for possível; i.e., no mundo rude dos corpos limitados e sem mente.

É essencial que aceitemos nossas vidas como são. Isso não tem um significado simplista, no entanto, no qual nunca fazemos mudanças externas pela razão errada, porque isso sempre reflete algum aspecto de especialismo. Antes de mudarmos nossas vidas – procurando melhorar a nós mesmos, por exemplo -, queremos ser tão livres quanto possível das cruéis cargas de culpa que colocamos sobre essa vida. Isso iria capacitar o amor curativo interno a fluir através da mente, e qualquer coisa que fizermos ou dissermos então, seria útil para nós e para todos os outros. Como sempre, não estamos falando de comportamento, mas do tipo de perdão que permite que o comportamento reflita o amor ao invés do ódio.

(T-25.VI.6:1-4) A salvação não é mais do que um lembrete de que esse mundo não é a tua casa. As leis que o regem não te são impostas, os seus valores não são os teus. E nada do que pensas ver nele está realmente presente de forma alguma.

Se esse mundo de limitação não é o nosso lar, por que consertá-lo? Por que fazermos o que Jesus nos pede para que possamos encontrar nosso lar real, ao invés de buscarmos o remédio para uma limitação que não é quem somos? Jesus, portanto, gentilmente nos informa de que somos insanos: vendo o que não está lá, pensando o que não é verdadeiro. O mundo não impõe suas leis de limitação a nós, porque o mundo não existe, e como o inexistente pode nos afetar? Nós impomos nosso desejo de limitação e falta ao mundo para que ele pareça impô-lo a nós, permitindo-nos esquecer convenientemente de que *nós* o fizemos. Nós escolhemos nossas limitações, como escolhemos viver sob as leis do ego. Nós fizemos a escolha original porque o ego nos disse que isso iria ajudar a solidificar nossa identidade individual. O ponto, portanto, não é mudar a limitação, mas o propósito que demos a ela. Isso significa mudar para o professor que vai nos mostrar como abordar essas limitações e as dos outros com benignidade e compreensão, ao invés de ataque e julgamento. Mais uma vez, isso não é sobre mudar a forma externa da limitação, mas mudar nossas mentes a respeito da forma. O texto nos lembra dessa distinção crucial: *"Portanto, não busques mudar o mundo, mas escolhe mudar a tua mente sobre o mundo"* (T-21.in.1:7).

(T-25.VI.6:7-11) O especialismo que ele escolheu para feri-lo Deus designou que fosse o meio da sua salvação, a partir do mesmo instante em que a escolha foi feita. Do seu pecado especial foi feita a sua graça especial. Seu ódio especial veio a ser seu amor especial.

Nós não mudamos nada externo, apenas a forma de perceber o que *parece* ser externo – mudando dos olhos do julgamento para a visão, do especialismo para o perdão. Portanto, Jesus ensina que não deveríamos ficar transtornados pelas nossas sombras de limitação, pois viemos para desfazê-las. Quando nos tornamos julgadores, culpados, assassinos ou excitados, tornamos as sombras reais. Nosso propósito da mente certa, no entanto, é reverter a razão do ego para vir, para que a diminuta e louca estrada para a insanidade se torne nada mais do que um desvio que vai nos levar tão certamente para casa como atravessar uma linha reta. Alguns demoram mais, mas estamos apenas falando de tempo, que é inerentemente irreal. Não existe necessidade de pressionarmos a nós mesmos ou aos outros, ou buscarmos impor culpa. E então, aprendemos a benigna gentileza da paciência que reflete a lembrança de rirmos da diminuta e louca idéia de separação e limitação do ego.

(T-25.VI.7:1-3) O Espírito Santo necessita da tua função especial para que a Sua possa ser cumprida. Não penses que te falta um valor especial aqui. Tu o quiseste e ele te foi dado.

Nós quisemos o valor especial que o ego coloca na limitação e o recebemos. Deus não iria conceder qualquer valor à nossa limitação, então, nós a colocamos sobre nós mesmos e a tornamos nossa. O Espírito Santo pega o que fizemos e dá a isso um valor autêntico como nossa função especial. O relacionamento especial, com todas as suas imperfeições, vai nos

lembrar do relacionamento especial original que nossas mentes escolheram por forjarem uma aliança com o ego. Focalizando-nos na mente ao invés de no corpo, somos capazes de corrigir essa escolha equivocada, e termos o valor especial que queríamos, mas com um propósito diferente.

(T-25.VI.7:3-6) Tudo o que fizeste pode facilmente servir bem à salvação. O Filho de Deus não é capaz de fazer nenhuma escolha que o Espírito Santo não possa empregar a seu favor e não contra ele.

Esse é o cerne do *Um Curso em Milagres*. Nós não odiamos o mundo limitado ou o corpo. Nós os abraçamos, não porque sejam maravilhosos em e por si mesmos, mas porque suas imperfeições podem servir a uma função santa conforme aprendemos com nossos equívocos. No entanto, não podemos aprender se julgarmos, pois o julgamento meramente nos atira na culpa e assegura que nada vai mudar. Se, no entanto, usarmos nossos erros como os meios para nos ajudarem a entender o pensamento insano na mente, tudo vai mudar, pois nossa vida limitada agora vai ter o significado do perdão.

(T-25.VI.7:6-7) Só na escuridão é que o teu especialismo parece ser ataque.

Quando você está no campo de batalha e se torna consciente dos aspectos repulsivos do especialismo – crueldade, ódio e dor -, é difícil não sentir os efeitos prejudiciais de ser uma criatura limitada. A culpa inerente a tal auto-conceito nos leva ainda mais profundamente para dentro dos relacionamentos especiais, a tentativa insana do ego de escapar da culpa. No entanto, é apenas dentro da escuridão da culpa, nascida da limitação, que nosso relacionamento parece ser um ataque.

(T-25.VI.7:7-10) Na luz, tu o vês como a tua função especial no plano para salvar o Filho de Deus de todo ataque e deixar que ele compreenda que está a salvo, como sempre esteve e sempre estará tanto no tempo quanto na eternidade.

Nós vemos essa idéia expressa em *"O julgamento do Espírito Santo"*, onde Jesus explica que o ataque é uma expressão de medo, e o medo é um pedido de amor que foi negado (T-12.I). Através dos olhos da culpa, o especialismo *é* um ataque: através dos olhos do perdão – visão de Cristo –, ele é uma forma de aprender as lições do instante santo que vão nos levar para casa. Mais uma vez, a estrada da limitação que o ego nos fez descer se torna os contornos da estrada que vai nos levar de volta.

Para repetir, não somos solicitados em *Um Curso em Milagres* a negarmos as limitações óbvias da vida no corpo – pessoal ou coletivamente. Nossa vida é uma sala de aula, e, dispersando do que está acontecendo por dizermos de forma incondicional: "Isso é tudo uma ilusão, e eu vou ignorá-lo", nós negamos a Jesus os únicos meios no universo que ele pode usar para nos ajudar. Esse, é claro, é precisamente o motivo pelo qual o negamos: nossos egos não querem a ajuda. Fingir que não somos filhos de nossas famílias ou cidadãos do mundo, dessa forma afirmando que não importa o que acontece ao nosso redor, é cair presa da negação. Tentem não esquecer que nossas vidas de limitações são salas de aula que oferecem a Jesus a oportunidade de nos ajudar – nosso pecado especial foi transformado em nossa graça especial; nosso ódio especial se torna nosso amor especial. Se negarmos nossa crença de que a limitação é um pecado, ele não poderá ser transformado em graça; se negarmos que é ódio, não poderá ser transformado em amor; se negarmos que é um equívoco, não poderá ser corrigido pelo perdão.

Como nosso gentil professor, Jesus, nos diz: "Deixe-me ajudá-lo a ver o seu mundo através dos meus olhos, e você vai ver tudo de forma diferente". Ele nos ensina que todos pedem socorro. *Todos*, não apenas alguns, não apenas as pessoas de quem gostamos. Pegue qualquer conflito e fale com as pessoas dos dois lados desse conflito – quer seja internacional ou pessoal – e invariavelmente você vai ter percepções diferentes do que é bom e do que é

ruim. A verdade é que dentro do sonho todos são bons, todos são maus, todos são insanos. Os bons e os sãos não vêm aqui, mas ficam em casa com a Sanidade e a Bondade. Observe sua tendência de excluir ou fazer exceções. *A* característica dos relacionamentos especiais é a exclusividade, enquanto *a* característica dos relacionamentos santos é a abrangência. Uma vez que o especialismo exclui, ele sempre envolve comparações. O relacionamento santo, que muda para o Espírito Santo como Professor, inclui a todos, sem exceção. E essa é a benignidade que cura a crença na separação e na limitação.

(T-25.VI.7:10-14) Essa é a função que te é dada para o teu irmão. Toma-a gentilmente, então, das mãos do teu irmão e permite que a salvação seja perfeitamente cumprida em ti. Faze essa *única* coisa, para que todas as coisas te sejam dadas.

Se quisermos felicidade e paz, liberdade da culpa, medo e dor, precisamos fazer essa *única* coisa: cumprir a função especial de perdoarmos nossas limitações. Nós pedimos ajuda ao Espírito Santo para percebermos nossos parceiros de amor ou ódio especiais de forma diferente – os objetos projetados dos nossos fracassos -, o que significa não vermos mais diferenças. É útil saber o quanto isso é difícil de fazer. Pode ser mais fácil com alguns relacionamentos do que com outros, mas é extremamente tentador tornar as diferenças importantes. Voltando à Alegoria da Caverna, de Platão, é difícil ver que existe algo além das sombras, porque não queremos ser libertados da caverna – a prisão de separação, especialismo e limitação do ego que é o lar do nosso ser.

Conseguimos acelerar nossa jornada estando conscientes de nossa resistência a aprendermos a simples verdade. Não temos que fingir que somos espiritualmente avançados, mas precisamos aceitar com que rapidez voltamos a fazer julgamentos; com que rapidez nos identificamos com nossas limitações ou com as de outra pessoa; com que rapidez atacamos, criticamos e julgamos, como se as limitações fizessem uma diferença; com que facilidade justificamos nossos pensamentos e atos de falta de benignidade. Lembrem-se de que simplesmente vir a esse mundo, em um corpo, é uma limitação. *Isso* faz diferença, porque é a diferença entre a limitação do ego e o Amor ilimitado de Deus – a única diferença que é importante. Tudo o mais existe dentro da mesma ilusão, e então, limitações pessoais e específicas são irrelevantes. Como uma ilusão poderia fazer qualquer diferença para a paz de Deus? Se Deus não vê nossas limitações, por que deveríamos, a menos que pensássemos que sabemos melhor do que Ele? Desnecessário dizer, esse foi um equívoco no qual caímos no início, dizendo que o perfeito Amor e Unicidade de Deus não eram suficientes, e fazendo um mundo no qual proclamamos nossa superioridade a Deus – a limitação tendo triunfado sobre a ausência de limites.

Olhar para a história, por exemplo, é útil porque nos mostra que confusão terrível fizemos das coisas – no passado e também no presente. Isso pode nos estimular a perceber, em um contexto muito mais amplo, a confusão que é o mundo. Somos ingênuos se pensamos que essa situação é devida a uma pessoa ou grupo, embora em um sentido, ela *possa* ser atribuída a uma pessoa ou grupo; o Filho único de Deus e a Filiação em seu estado separado. *Todos* nós fizemos uma confusão quando acreditamos que poderíamos deixar o lar e ser felizes. Por que, então, deveríamos tentar julgar entre diferenças: uma confusão é uma confusão, é uma confusão! Uma vez que ninguém está em casa, a vida de todos é a mesma em conteúdo. Jesus se refere ao corpo e ao ser egóico como travestis e paródias da criação de Deus (T-24.VII.10:9; 1:11); substitutos esfarrapados para o Ser glorioso de Cristo que Deus Criou (T-16.IV.8:4). Uma vez que estamos enterrados no sistema de pensamento esfarrapado do ego, que diferença faz a forma que isso assume? É por isso que julgar entre limitações é insano, pois o único julgamento são é o de que as limitações são todas igualmente insanas, sem exceção.

E então, nós evocamos o poder curativo da benignidade para confortar os que sentem dor, o que abraça toda a Filiação, incluindo a nós mesmos. Nossa tarefa agora é apenas demonstrar aos outros a alegria de liberar o investimento nas limitações, o que permite que o

Amor ilimitado do Espírito Santo flua através de nós, abraçando os Filhos limitados, na paz que vem do ilimitado. Esse é o tema do último capítulo.

5. Demonstrando o Perdão

Nossa discussão sobre a instrução de Jesus de que não podemos ficar transtornados com sombras, pois foi por isso que viemos, foi um meio de demonstrar que o mundo é uma sala de aula na qual aprendemos. Para completarmos a discussão, precisamos acrescentar que ele também é uma sala de aula na qual ensinamos – isto é, que cumprimos nossa função especial e estamos perdoados, liberando-nos para sermos instrumentos do Amor do Espírito Santo. De forma similar, nos é dito no esclarecimento de termos que assim como Jesus era a manifestação do Espírito Santo, ele nos pede que sejamos sua manifestação também (ET-6.5:1-4). Na adorável introdução à quinta revisão do livro de exercícios, ele nos diz:

> *Pois é só disso que preciso, que ouças as palavras que digo e as dês ao mundo. Tu és a minha voz, os meus olhos, os meus pés, as minhas mãos, através das quais eu salvo o mundo* (LE-pI.rv.V.9:1-4).

Nesse capítulo final, discutimos como nos tornamos a manifestação de Jesus, e, especificamente, como nossas limitações servem como o meio do nosso ensino. Começamos olhando para o terceiro parágrafo em *"Pode-se atingir Deus diretamente?"* (MP-26), do manual para professores:

(MP-26.3:7-8) Todos os estados desse mundo não podem deixar de ser ilusórios.

Reflitam por um momento sobre a palavra *Todos* – *"Todos os estados desse mundo não podem deixar de ser ilusórios"*. Estamos familiarizados, nesse momento, com a idéia de que não existe hierarquia de limitações, pois todas as coisas são ilusórias. Isso inclui *Um Curso em Milagres*, Jesus e cada um de nós. Uma vez que nada aqui está em um estado de perfeita Unicidade, nada aqui pode ser de Deus e, portanto, não pode ser real. A única distinção importante no mundo de ilusão é entre as ilusões da mente errada e as da mente certa; as primeiras reforçam a separação, enquanto as últimas a desfazem. Essa é a única distinção significativa que podemos fazer no estado pós-separação, e, por que é sem sentido julgar entre diversas *formas* de limitações, vendo algumas como mais ou menos significativas do que outras.

(MP-26.3:8-10) Se Deus fosse alcançado de forma direta em conscientização prolongada, o corpo não mais se manteria por muito tempo.

Se você experienciasse a total Unicidade com Deus, não existiria mais uma mente dividida e o corpo simplesmente desapareceria.

(MP-26.3:10-12) Aqueles que abriram mão do corpo meramente para estender sua ajuda aos que estavam atrás, de fato, são poucos.

Isso inclui alguém como Jesus. Ele se refere a esse estado, no parágrafo 2 de *"Professor dos professores"*, e também fala sobre ele no panfleto *Psicoterapia*, em termos do psicoterapeuta ideal, alguém que tenha alcançado o mundo real (P-2.III.3:7-4; 4). Aqueles que transcenderam todas as limitações são muito poucos na verdade, e não precisamos discorrer longamente sobre eles, mas apenas sobre o processo de perdão que vai nos trazer ao seu estado de ajuda ilimitada.

(MP-26.3:12-14) E eles precisam de ajudantes que ainda estão no cativeiro e que ainda estão adormecidos, de modo que através do seu despertar, a Voz de Deus possa ser ouvida.

Essa afirmação é a essência do ensinamento de Jesus, similar às suas primeiras descrições dos professores avançados de Deus, como distintos daqueles que estão no início da escada, ainda acreditando que são corpos. Os professores avançados incorporam as dez características que Jesus explicou antes, no manual (MP-4), e permanecem dentro do mundo do ego; mas estão adiantados o suficiente para terem a Voz de Deus falando através deles. É nesse contexto, então, que Jesus diz:

(MP-26.4:1-5) Não te desesperes, portanto, por causa das limitações. É a tua função escapar delas, mas não existir sem elas. Se queres ser ouvido por aqueles que sofrem, tens que falar a língua deles. Se queres ser um salvador, tens que compreender do que é que se tem que escapar. A salvação não é teórica.

Essa é a visão da mente certa sobre as nossas limitações, uma vez que as tenhamos purificado da culpa e do ódio que as produziram. O ego nos fez vir até aqui para mantermos essas limitações para podermos ser capazes de culpar os outros de forma justificada por nossa infelicidade e má sorte. É de máxima importância reconhecer que ao aprendermos nossas lições e cumprirmos nossa função especial, essas limitações não vão necessariamente embora. O ponto é que nós aprendemos a não ficarmos transtornados ou preocupados se permanecermos, pois não é nossa função sermos sem imperfeições, mas escaparmos da carga terrível de culpa que colocamos sobre nós mesmos por tê-las. É nesse estado de espírito que podemos entender pessoas altamente avançadas como Ramakrishna e Ramana Maharshi sucumbindo ao câncer – uma lição maravilhosa de como alguém pode ter uma doença fatal, e ainda assim manter o equilíbrio. Em outras palavras, o corpo pode estar doente, mas a mente retém sua saúde perfeita.

Nós precisamos de nossas limitações porque elas são parte do que nos mantêm aqui, e elas se tornam os meios para que os outros se relacionem conosco também. É extremamente difícil nos relacionarmos com Jesus, cujo ser meramente parece estar aqui. Precisamos de pessoas que parecem conosco, têm problemas e limitações similares, mas não são como nós no sentido de ouvirem a uma voz diferente. O início da Lição 155 diz sobre os professores de Deus (embora esse termo não seja usado aqui) que eles se parecem com todos os outros, mas sorriem mais freqüentemente e suas frontes são serenas (LE-pI.155.1:2-3). É assim que eles se distinguem, não pela forma com que falam, comem ou se vestem, mas porque o amor, a paz e a gentil benignidade brilham através de seus seres imperfeitos e limitados.

Observem essas palavras: "*Se você for ser ouvido por aqueles que sofrem, precisa falar sua linguagem"*. Lamentavelmente, estudantes do *Um Curso em Milagres*, a guisa de serem santos, espirituais e metafisicamente corretos, com freqüência deixam de agir como humanos. Eles até deixam de falar a linguagem das outras pessoas. Existem alguns, por exemplo, que vão a funerais com um grande sorriso em seus rostos, usando roupas de cores brilhantes, e celebrando o fato de que nada aconteceu. Enquanto isso, todos os outros estão apropriadamente tristes. No entanto, esses estudantes "santos" estão felizes e sorrindo porque sabem, metafisicamente, que a morte não é nada. Tristemente, no entanto, eles se separaram das pessoas que pretendiam amar e ajudar. Ele só fingem que transcenderam suas limitações quando fica óbvio, diante do seu comportamento, que não transcenderam nada. Infelizmente, existem muitos exemplos similares que poderiam ser citados[5].

Como uma revisão da nossa discussão anterior, podemos perceber a importância dessa passagem para nos lembrar de que não devemos nos desesperar por causa das limitações, pois está tudo certo em ter um ser limitado. No entanto, agora nossas imperfeições podem servir a um propósito diferente de comunicação, em uma linguagem que as pessoas possam aceitar e compreender. Não tentamos ser diferentes – mais santos, ou mais espiritual-do-que-ti -, mas, ao invés disso, deixamos que o amor se estenda através de nós, da forma que for mais útil. É por isso que é tão importante se lembrar de que esse é um curso em *conteúdo* e não em *forma*. Nossa tarefa é meramente pedirmos ajuda para remover os bloqueios à consciência do

[5] Para uma discussão mais ampla sobre essa questão, vejam *Liberando o Julgamento,* Volume Um de *O Poder Curativo da Benignidade.*

conteúdo do amor. De formas diferentes através de todo o texto, Jesus diz que nossa tarefa é escolhermos o milagre, a salvação, ou a santidade. Sua extensão através de nós não é nossa responsabilidade, que é apenas deixar que o amor se estenda, abrindo espaço para ele, sem preocupação com a forma que sua extensão assume no mundo.

O perigo em qualquer não-dualismo é que as pessoas vão usá-lo como uma defesa contra lidar com seus egos, um dos equívocos mais sérios que os estudantes do *Um Curso em Milagres* podem cometer, no qual a idéia de que o mundo é ilusório é usada como uma razão para não lidar com ele. Tudo – mais especificamente relacionamentos difíceis – é deixado de lado como uma ilusão, ainda que Jesus nos incentive a não negarmos nossas experiências e a não rejeitarmos as próprias limitações que ele pode usar para nos levar à ausência de limites. Ele nos pede apenas para negarmos a interpretação dos nossos relacionamentos e situações.

A história de Helen Schucman, William Thetford, e a transcrição do *Um Curso em Milagres* refletem esse ponto de Jesus usar as nossas limitações. O Curso não veio a uma freira santa, encerrada em um convento no meio do deserto, mas a dois psicólogos presos em uma luta amarga um com o outro, e com todos os outros no centro médico – Columbia-Presbyterian – que está entre os maiores símbolos do sistema de pensamento do ego de competição e ódio, em uma cidade que é o centro mundial para o especialismo e a ganância. Esse mundo de limitação foi a manjedoura do Curso. Além disso, na época em que Helen estava transcrevendo o Curso, ela e Bill estavam ocupadíssimos, e *Um Curso em Milagres* teve que se adequar às suas vidas profissionais muito éticas de buscarem subsídios, editarem jornais, escreverem artigos, dirigirem um departamento e lidarem com questões de relacionamentos em todos os níveis, mais especialmente um com o outro.

Nisso repousa uma importante mensagem: Com certeza, limitações diferem amplamente dentro da Filiação, assim como os caminhos de todos para casa. No entanto, enquanto alguns podem realmente ser guiados para não se envolverem com o mundo, eles são casos muito raros. Em geral, *Um Curso em Milagres* é para os que vivem vidas normais, em nada diferentes das de quaisquer outros, e que não são solicitados a viverem de forma diferente, exceto em relação ao perdão – não mudando as *formas* das suas limitações, mas o *conteúdo* subjacente, ou propósito.

Passemos agora para *"Qual é o papel das palavras na cura?"* (MP-21), que começa definindo as palavras como ilusões, mas agora com um propósito diferente.

(MP-21.1:5-7) Deus não compreende palavras, pois foram feitas por mentes separadas para mantê-las na ilusão da separação.

Nesse sentido, palavras não são vistas em uma luz positiva, pois foram feitas como um ataque a Deus. Elas nos mantêm separados uns dos outros e *"não são senão símbolos de símbolos... duplamente afastadas da realidade"* (MP-21.1:11-12), que, a propósito, vêm de *A República*, de Platão. As palavras são símbolos de um conceito, e o conceito representa a realidade. Por exemplo, a realidade é o Amor de Deus, sobre o qual temos um conceito, e então, usamos palavras para descrevê-lo. No entanto, as palavras e conceitos *não* são o Amor.

Apesar disso, no parágrafo 4, Jesus diz:

(MP-21.4:1-2) Deve, então, o professor de Deus evitar o uso de palavras no seu ensino? Claro que não!

Com efeito, Jesus está nos avisando para não sermos "metafisicamente corretos", porque fazer isso seria um ataque. O conteúdo comum a todos é a crença na separação, a fundação para todas as nossas limitações e o cerne de todos os nossos problemas. Nós acreditamos que somos separados de Deus e uns dos outros, fato pelo qual nossa culpa nos torna responsáveis. Se então, o problema é acreditar que a separação é real, a resposta é uma experiência da nossa união. Se eu usar palavras para julgar e criticar você, a partir de uma posição de avanço espiritual, no entanto, estarei ensinando e reforçando a própria coisa que é o seu problema. Isso significa que é o meu problema também, e estou usando palavras para

nos manterem separados. No entanto, ainda que as palavras tenham sido feitas para manterem a separação viva, elas agora podem servir a um propósito diferente:

(MP-21.4:2-3) Muitos precisam ser alcançados através de palavras, sendo ainda incapazes de ouvir em silêncio.

A maioria das pessoas tem medo do silêncio porque o ego diz que Deus vai nos pegar quando estivermos quietos e nossas defesas estiverem abaixadas. De forma interessante, fundamentalistas cristãos acreditam que o diabo vai pegá-los se suas mentes estiverem quietas, que é o motivo pelo qual eles não meditam. Esses medos, no entanto, são realmente da culpa que iria surgir no silêncio, e por que o ego fez um sistema de pensamento barulhento – pecado e culpa não são quietos; nem o é o medo da ira assassina de Deus. Não se enganem, o ego não é a pequena e quieta voz do Espírito Santo, mas uma cacofonia de gritos estridentes, com sua cobertura de um mundo cheio de barulho, que inclui nossos corpos barulhentos. Temendo o silêncio, tememos a quietude física, que simboliza a quietude da mente, na qual a pequena e quieta Voz pode ser ouvida. Portanto, a suave e gentil mensagem do Espírito Santo é afogada pelos ásperos sons do ódio, sofrimento e morte, o que, por seu lado, são encobertos pelo corpo e por seu mundo.

Apreensivas com o silêncio, as pessoas precisam de palavras, o que significa que, em nossas mentes certas, as palavras recebem um propósito diferente. Ao invés de usarmos as palavras para separar, as usamos para demonstrar que a separação de Deus nunca aconteceu, e, portanto, a separação entre os irmãos nunca aconteceu. Se você for são e eu não, a sanidade assumiria a forma do amor vindo através de qualquer forma que eu possa experienciar sem medo. Esse é o significado dessa útil passagem no Capítulo 2:

> *O valor da Expiação não está na maneira na qual ela é expressa. De fato, se é usada de forma verdadeira, inevitavelmente vai ser expressada do modo que for mais útil para quem a recebe, seja ele qual for. Isso significa que um milagre, para atingir a sua plena eficácia, tem que ser expressado em uma linguagem que aquele que recebe possa compreender sem medo* (T-2.IV.5:1-6).

Isso significa que você vai fazer e dizer o que quer que eu não vá experienciar como amedrontador, não importando a forma. Existe uma história maravilhosa de Beethoven que ilustra otimamente a primazia do *conteúdo* e o lugar subordinado da *forma*. Quando uma amiga chegada do mestre estava devastada pela perda do seu último filho, ele a convidou para vir até a casa dele. Quando ela chegou, ele se sentou ao piano e disse: “Nós agora vamos falar um com o outro em tons”. Ele então tocou durante uma hora, sem dizer uma palavra, e ela depois comentou com um amigo: “Ele me disse tudo, e finalmente me trouxe conforto”.

No panfleto *Psicoterapia*, Jesus previne seus terapeutas para ouvirem realmente seus pacientes, pois eles vão revelar tudo o que precisam se apenas forem ouvidos (P-3.I.2:1-7). Como sempre, Jesus está falando do *conteúdo*, não da *forma*. *Ouça.* Não presuma que sabe o que deveria dizer ou fazer como uma intervenção com essa pessoa, apesar do que os livros profissionais ou programas de treinamento lhe dizem. Não existe maneira de você poder saber. *Ouça.* Quando você está quieto, o Espírito Santo vai falar através de você, assegurando que qualquer coisa que você diga seja gentil, amorosa, benigna e útil. As palavras agora vão assumir um significado diferente porque estão vindo de uma Fonte diferente, cumprindo um propósito diferente – o poder curativo da benignidade que veio para substituir o ataque da separação.

(MP-21.4:3-5) O professor de Deus, porém, tem que aprender a usar as palavras de um novo modo.

O modo antigo é o ego me dizendo o que falar, assim como, em meus pensamentos, eu sei o que você precisa nessa situação: uma boa e saudável dose do *Um Curso em Milagres*!

Ao invés de demonstrar a você a verdade benigna e gentil do Curso, pego essa verdade e bato com ela na sua cabeça, confundindo *forma* com *conteúdo.* O Curso, afinal, não é nada mais do que um conjunto de símbolos que não significam nada se você não permitir que eles o conectem à sua fonte: O Amor de Deus. Sim, você quer ensinar às pessoas que *Um Curso em Milagres* é verdadeiro, mas o que o torna verdadeiro é o amor não-egóico que o inspira. O objetivo é ser a manifestação desse amor conforme ele é demonstrado através de você. Você não precisa saber o que dizer ou fazer; apenas se certificar de que quer tirar a si mesmo do caminho – uma expressão da pequena disponibilidade. Para dizer isso de outra forma, o que importa não é o que você diz, mas Quem o diz através de você, pois o conteúdo do Amor de Deus é o professor.

Vocês podem se recordar de que no início do manual, Jesus afirma que ensinar é demonstrar (MP-in.2), e que nós demonstramos um de dois sistemas de pensamento – o do Espírito Santo ou o do ego. Quer eu esteja ensinando aritmética, física nuclear, *Um Curso em Milagres*, ou sondagem é irrelevante. Estarei ensinando um de dois sistemas de pensamento em *conteúdo*. O que você aprende comigo não é o que eu digo no nível das palavras, que, no final das contas, é irrelevante, mas os sistemas de pensamento de medo, culpa e separação, ou de cura, perdão e amor. Obviamente, serei apropriado à situação – se você veio até mim para aprender aritmética, não vou ensinar física nuclear a você. Isso dificilmente seria amoroso. No entanto, existem duas formas de ensinar aritmética; fazer os estudantes se sentirem humilhados ou cheios de valor. Em ambos os casos, os estudantes podem terminar aprendendo como somar dois mais dois. No entanto, uma experiência será de culpa e vergonha, e a outra uma experiência de aceitação e respeito. Como Jesus nos diz: *"Não ensine que eu morri em vão; ensina, ao invés disso, que eu não morri, demonstrando que vivo em ti"* (T-11.VI.7:3-4). Nós ensinamos a validade do seu sistema de pensamento de ressurreição – despertando do sonho da morte -, praticando-o. Novamente, nós o demonstramos para um mundo de ilusões através das nossas limitações – a condição na qual as pessoas pensam viverem (T-25.I.7:4).

O *perdão* é a idéia chave para despertarmos do sonho da morte – nossa compreensão de que a separação nunca aconteceu. Eu não posso demonstrar esse princípio de Expiação a menos que acredite nele, o que significa que primeiro tenho que desfazer minha descrença – um sistema de pensamento de julgamento e especialismo. Se eu precisar ser visto como santo, sábio, brilhante, benigno e amoroso, vou ensinar a necessidade, e não o seu fim. Tenho que estar consciente da minha própria necessidade em todas as situações, e uma vez consciente, posso realmente pedir ajuda – não em termos do que eu deveria ensinar ou dizer, mas para tirar o sistema de pensamentos do meu ego do caminho. Eu não preciso estar livre do ego – i.e., livre de limitações -, mas realmente preciso da *disponibilidade* para estar livre do ego.

Em outra mensagem a Helen, Jesus disse para não perguntar a ele o que ela deveria dizer a uma pessoa, ainda que essa parecesse uma boa coisa: "Aqui está uma pessoa precisando de ajuda, Jesus; o que eu devo dizer?". A essência da sua resposta foi: "Não me pergunte o que dizer, mas, ao invés disso, peça ajuda para olhar através dos olhos da paz e não do julgamento". Uma vez que o julgamento é retirado, qualquer coisa que seja dita será inevitavelmente útil, porque terá vindo de um lugar de não-separação. Quando alguém está unido a Jesus, seu amor flui naturalmente dessa união e vai se manifestar em palavras e comportamento. Para reafirmar esse aviso importante sobre *forma* e *conteúdo*, o que eu digo a você hoje pode não ser o que eu diria amanhã. Se eu for um terapeuta, o que eu digo a um paciente às duas horas da tarde, pode ser o oposto do que eu diria a um paciente diferente às quatro horas. A forma não importa; pode até mesmo ser bem inconsistente. É por isso que a segunda característica dos professores de Deus – *honestidade* – é definida como 'consistência"; o que você diz e faz é consistente com o que pensa (MP-4.II). Se você pensar em amor, seu comportamento será consistente com o pensamento, o que pode guiá-lo a dizer algo que seja útil hoje, mas cinco ou seis meses depois, possam levá-lo a dizer o oposto exato em palavras, embora o *conteúdo* amoroso permanecesse o mesmo.

Algumas vezes, quando dei aconselhamento a uma pessoa, descobri que ele ou ela depois contou aos outros que eles deveriam fazer a mesma coisa. A pessoa tinha boa

intenção, mas o que foi dito para um para expressar o *conteúdo* do amor, pode ser totalmente inútil em *forma* para outra pessoa. Esse equívoco acontece porque as pessoas, para afirmar mais uma vez, tendem a confundir a forma com o conteúdo. Esse é o aspecto chave na prática do *Um Curso em Milagres*, e o motivo pelo qual Jesus cita o relacionamento especial como um *"triunfo da forma sobre o conteúdo"* (T-16.V.12:1-3) – um erro cometido por todas as religiões formais. Quando existem pessoas, rituais, costumes, objetos, lugares e palavras sagradas, elas acabam refletindo esse triunfo de ódio e medo. Quando você se identifica com o conteúdo do amor, no entanto, a forma é automaticamente benigna e gentil. Sua expressão na forma pode ser inconsistente, mas o conteúdo é um, e as limitações foram benignamente transformadas pelo amor, em utilidade. Nesse ponto, Jesus nos pede para usarmos nossas limitações como uma forma de curarmos a mente, permitindo que seu amor curativo trabalhe através de nossos seres limitados e atinja outros seres limitados. Nós, então, não somos percebidos como especiais ou únicos, mas como alguém da Filiação; no entanto, com um amor e sabedoria que as pessoas reconhecem que nos tornam diferentes, pois nós agora não tentamos mais atender às necessidades pessoais que reforçam os interesses separados.

(MP-21.4:5-9) Gradualmente ele aprende como deixar que as suas palavras sejam escolhidas para ele, cessando de decidir ele próprio o que vai dizer. Esse processo é apenas um caso especial da lição do livro de exercícios que diz: "Eu recuarei e deixarei que Ele me mostre o caminho".

Dar um passo atrás significa afastar-se do ego. Eu não finjo que ele não está lá, mas dou um passo atrás da minha identificação com ele, trazendo a escuridão das ilusões do ego à luz da verdade do Espírito Santo. Quando eu me identifico com o Espírito Santo e com Seu sistema de pensamento de inclusão, as coisas externas não mudam necessariamente; o que muda é o propósito que damos a elas. Ao me afastar dos meus julgamentos de limitação e imperfeição – minha e dos outros -, permito que o Espírito Santo os interprete para mim. Sua benignidade amorosa me capacita a perdoar a mim mesmo, o que abre caminho para que Ele ensine aos outros a mesma benignidade através de mim. O que antes era uma maldição se torna uma bênção.

(MP-21.4:9-11) O professor de Deus aceita as palavras que lhe são oferecidas e dá conforme recebe. Ele não controla a direção da sua fala. Ele escuta e ouve e fala.

Eu ouço as mensagens de perdão do Espírito Santo ao invés do conto de culpa do ego, permitindo que Suas palavras de amor sejam as minhas, como fez Helen quando transcreveu o *Um Curso em Milagres*, dando um passo atrás, para longe do seu ego, para deixar que Jesus mostrasse o caminho. Uma vez que ele era um símbolo do Amor de Deus para ela, ela se uniu com esse amor por *não* se unir ao ego. Sua mente estava quieta, capacitando-a a "ouvir" sua voz, "ouvindo" sua mensagem de amor conforme as palavras inevitavelmente fluíam através dela. Nesse sentido, todos canalizam, pois todos ouvimos uma voz interior – não existe nenhuma exterior. A única questão é que voz vamos ouvir. É por isso que o foco do *Um Curso em Milagres* está em se tornar consciente do investimento do ego na separação e sua necessidade de especialismo, que nós trazemos a Jesus para a cura.

Jesus repetidamente pediu a Helen para trocar suas dádivas de medo pelas dádivas de Deus, dizendo em muitas palavras: "Eu não posso lhe dar meu amor até primeiro você me dar o seu medo. Com efeito, você só tem uma mão, e se ela estiver cheia de culpa, medo e especialismo, não haverá espaço para o amor. Eu não posso tirar a culpa de você, e então, você precisa olhar para ela comigo para que eu possa ensiná-la o que ela é, de onde vem, por que você a escolheu, e o que você perdeu em sua decisão da mente errada. Portanto, você se sentirá motivada a me dar tudo isso e, quando o fizer, sua mão vazia será preenchida com o Amor de Deus".

O que impulsiona você nesse desvio para casa é pedir ajuda sempre que se tornar consciente de que está tornando alguma diferença entre você e outra pessoa real. Qualquer

pensamento que você tenha que estabeleça uma diferença entre vocês precisa ser do ego – uma bandeira vermelha que você não pode deixar de ver se estiver prestando atenção. No entanto, tente não permanecer com ela, e, acima de tudo, tente não justificá-la, racionalizá-la ou defendê-la. Simplesmente diga: “Obviamente, devo estar no sistema de pensamento de separação do ego porque não estou fazendo um julgamento sobre alguém que queira fazer sobre todos, incluindo a mim mesmo”. Para apoiar o princípio já discutido, qualquer pensamento que você tenha que não aplicaria a todos na Filiação tem que ser do ego. Você não tem que analisar ou tentar entender o julgamento, mas reconheça o que ele é e como ele cancela reciprocamente o pensamento que vê a todos como tendo as mesmas necessidades, interesses e objetivos.

Como estudantes do *Um Curso em Milagres*, somos solicitados a primeiro aprendermos e praticarmos seus ensinamentos. Uma vez que o fizermos, o amor para o qual abrimos espaço vai trabalhar através de nós. Sempre que você sentir que tem um trabalho importante a fazer nesse mundo – e.g., uma função específica que Jesus lhe deu -, deveria sorrir de forma compreensiva e gentil, percebendo que seu ego está agindo de novo. Sua única função é perdoar. Sempre que você pensar que existe algo mais que deveria fazer, corra o mais rápido que puder para longe de si mesmo. Se alguém lhe disser algo sobre a sua função, corra ainda mais rápido, porque essa pessoa vai querer algo de você. Ninguém tem nenhum trabalho importante que tenha que fazer, que seja diferente do de ninguém mais. Não faria sentido pensar de outra forma sobre um mundo que não existe. Nosso único trabalho importante é mudarmos a mente que pensa que existe um mundo, sem falar em algo importante que precisa ser feito dentro dele.

Isso não significa, no entanto, que você não faz coisas aqui – nossos corpos não iriam existir mais se não cumprissem sua função. A questão é, no entanto, *quem* é o agente dessa função – o ego ou o Espírito Santo? Você sabe que é o seu ego se pensar que o que está fazendo é importante, ou que se o que está fazendo *não é* importante porque não é o que os outros fariam. O ego abençoa as duas alternativas, pois ele viceja nas comparações do especialismo. Quando você compara a si mesmo com outros, comparação na qual você é importante e eles não são porque Jesus lhe deu uma função especial, ou você pensa que é a escória da terra porque todos os outros têm funções e você não tem nada importante para fazer – é a mesma coisa, pois você vê diferenças onde não existe nenhuma. Uma ilusão vestida de azul não é diferente de uma ilusão vestida de vermelho; uma ilusão vestida de importância – que é realmente auto-importância – não é diferente de uma ilusão vestida de falta de importância. Qualquer coisa que torne uma percepção de diferenças real precisa ser do ego. A única forma na qual você deveria pensar em si mesmo como tendo uma função importante é perceber que todos os outros têm uma função importante também: o *perdão*. Lembrem-se, qualquer coisa que o diferencie de outra pessoa precisa ser do ego. Não existe nada mais que você precise saber – todas as limitações são inerentemente a mesma em conteúdo e propósito.

Como Jesus nos pede para fazermos, trazemos a ele nossas percepções equivocadas, compreendendo que as percebemos porque *queremos* tornar as diferenças reais, pois dessa forma, mantemos nossas identidades separadas e especiais. Nós precisamos apenas estar conscientes de como quase tudo o que fazemos, dizemos, sentimos ou pensamos é separativo, pois não abraça todas as pessoas como uma, onde nós veríamos a todos como atendendo a uma necessidade comum e compartilhando um objetivo comum. Nós não deveríamos, no entanto, julgar a nós mesmos por nossa visão limitada, mas, ao invés disso, olhar para essas percepções equivocadas e perceber por que as escolhemos. Esse é o significado verdadeiro de pedir ajuda, que não pode ser alcançado sem entender a metafísica subjacente do curso de que o mundo de separação é uma ilusão. Uma apreensão clara desse princípio nos impede de ficarmos presos no relacionamento especial, em qualquer de suas formas. O especialismo espiritual é a pior delas por causa do seu santimonial ar de santidade e importância. Nós nunca percebemos realmente o quanto o especialismo é divisor e agressivo, e, a esse respeito, é útil manter em mente que *Um Curso em Milagres* em si mesmo é uma ilusão. Sem dúvida, ele é uma ilusão muito útil, mas o Curso permanece o que é – uma coleção

de palavras e conceitos. Assim como pessoas mataram a si mesmas por causa da Bíblia, as pessoas estão muito próximas de matar outras por causa desse curso – se não fisicamente, no entanto, pelo que sabemos, certamente de forma psicológica. Isso nunca aconteceria se sua forma não fosse levada tão a sério.

Em conclusão, deveríamos levar o conteúdo amoroso do *Um Curso em Milagres* a sério, mas não sua forma, pois então, iríamos perceber que o amor é perfeita Unicidade, o que inclui a todos. É essencial estarmos cientes do quanto queremos nos agarrar às nossas limitações ou às limitações dos outros, e nossa resistência em liberar o sistema de pensamento do ego. O que nos ajuda a subir a escada do perdão é perdoarmos a nós mesmos por *não* querermos subir a escada. Ficamos obstruídos em nossa subida, não por nossas limitações, defeitos ou imperfeições percebidas, mas por nossa falha em olhar para elas através dos olhos gentis da benignidade que não vê espaço para o julgamento. Portanto, somos libertados das barreiras ao livre fluxo do amor através de nossos seres limitados, os meios através dos quais aprendemos a nos lembrar da ausência de limites do Filho de Deus.

Conclusão

Da Limitação para a Ausência de Limites

Ao subirmos a escada, somos abençoados por termos tanto os meios quanto o fim dentro de nós. O Amor do Espírito Santo é o Meio que nos leva ao Amor de Deus, que é o Fim. As sombras escuras dos nossos seres limitados, tão odiados e escarnecidos – quer sejam percebidas em nós mesmos ou projetadas nos outros – são transformadas através do perdão nos faróis de luz que iluminam nossa jornada. A visão de Cristo revelou seu novo propósito, e o que foi feito para representar o ódio e o medo se tornou os meios para nos levar para casa, onde o Amor espera por nós em quieta alegria.

Nós encerramos lendo a Lição 302. A primeira parte é nossa oração a Deus, ecoando a oração a nós mesmos para que perdoemos o amor que não precisa de perdão, aceitando a santidade que repousa logo além da crença na limitação e na falta. Na segunda parte da lição, Jesus nos instrui de que Deus é a única verdade e o Amor nosso único objetivo. No entanto, esse amor está dentro de nós ao trilharmos nosso caminho para o Amor que é o nosso Ser. É esse Amor para o qual voltamos, ao mesmo tempo em que é esse Amor que experienciamos os desvios da vida que nos levam através da limitação para a Ausência de Limites. E então, nós não damos um curto-circuito em nossas experiências no mundo, mas permitimos que elas sejam usadas pelo Amor, representado por Jesus, que sobe conosco a escada até estarmos em casa – as limitações sendo dissolvidas na ausência de limites, conforme o Filho de Deus retorna ao Filho de Deus:

Onde havia escuridão eu contemplo a luz.

Pai, os nossos olhos enfim estão se abrindo. O Teu mundo santo nos espera, enquanto a nossa vista nos é enfim restituída e podemos ver. Pensávamos que sofríamos. Mas havíamos esquecido o Filho que criaste. Agora vemos que a escuridão é a nossa própria imaginação e a luz existe para que olhemos para ela. A visão de Cristo transforma a escuridão em luz, pois quando vem o amor, o medo tem que desaparecer. Que hoje eu perdoe o Teu mundo santo para que possa olhar para a sua santidade e compreender que apenas reflete a minha.

O nosso Amor nos espera quando vamos a Ele e anda ao nosso lado mostrando-nos o caminho. Ele não falha em nada. Ele é o fim que buscamos e o meio pelo qual vamos a Ele.